



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FÁBIO HENRIQUE SILVA DE SOUZA

**UMA ANÁLISE CONCEITUAL DAS AGÊNCIAS  
CONTROLADORAS E SUA RELAÇÃO COM A  
SOBREVIVÊNCIA DAS CULTURAS**

---

Londrina  
2018

FÁBIO HENRIQUE SILVA DE SOUZA

**UMA ANÁLISE CONCEITUAL DAS AGÊNCIAS  
CONTROLADORAS E SUA RELAÇÃO COM A  
SOBREVIVÊNCIA DAS CULTURAS<sup>1</sup>**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Muchon de Melo.

Londrina  
2018

---

<sup>1</sup> pesquisa financiada pela CAPES.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Souza, Fábio Henrique Silva de.

Uma análise conceitual das Agências Controladoras e sua relação com a sobrevivência das culturas / Fábio Henrique Silva de Souza. - Londrina, 2018.  
66 f.

Orientador: Camila Muchon de Melo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Análise do comportamento - Tese. 2. Comportamento humano - Tese. 3. Cultura - Evolução - Tese. 4. Controle social - Tese. I. Melo, Camila Muchon de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

FÁBIO HENRIQUE SILVA DE SOUZA

**UMA ANÁLISE CONCEITUAL DAS AGÊNCIAS CONTROLADORAS E  
SUA RELAÇÃO COM A SOBREVIVÊNCIA DAS CULTURAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Camila Muchon de Melo  
Universidade Estadual de Londrina –UEL

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Profa. Dra. Marina Souto Lopes Bezerra de Castro  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

---

Profa. Dra. Nádia Kienen (Suplente)  
Universidade Estadual de Londrina –UEL

---

Profa. Dra. Silvia Cristiane Murari (Suplente)  
Universidade Estadual de Londrina –UEL

Londrina, 28 de setembro de 2018.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, José Luiz e Lucia, por todo o amor, apoio e incentivo proporcionados durante toda minha vida. Graças a eles pude me graduar em Psicologia e continuar minha jornada acadêmica. Aos meus irmãos, Camila e Felipe, pois pude crescer com pessoas boas, divertidas, curiosas e talentosas. Devo tudo a vocês.

À Mariana Sant'Ana, minha querida companheira. Além do inestimável valor de nossos momentos alegres e descontraídos, você esteve por perto durante as horas mais escuras do mestrado, me lembrando que o sol sempre torna a brilhar.

Aos meus caros amigos do mestrado: Allan, Bia, Giu, Greicy, Marcela, Mari e Stefanny. Obrigado pelas discussões e (muitas) risadas, fruto dos nossos encontros tanto na UEL como nos bares.

À Camila, minha orientadora, por ter confiado no meu projeto, na minha capacidade e ter me ensinado um bocado sobre o ofício de cientista. As inúmeras orientações, conversas na pausa do café, elogios e puxões de orelha foram essenciais para melhorar o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos membros da minha banca de defesa, que se disponibilizaram para contribuir e avaliar minha pesquisa: Carlos Lopes, Marina Castro, Nádia Kienen e Silvia Murari.

Por fim, sou grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.

DE SOUZA, Fábio Henrique Silva. **Uma análise conceitual das agências controladoras e sua relação com a sobrevivência das culturas**. 66 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## RESUMO

Há décadas, analistas do comportamento atuam em relação aos problemas sociais, tanto em produções teóricas como em aplicações da tecnologia comportamental. Entretanto, em geral, a Análise do Comportamento parece não ser utilizada para a construção de mudanças sociais consistentes. Autores apontam para a necessidade de ampliar o escopo de análise e intervenção, exigindo um esforço para estudar o contexto de forma ampla e considerar o terceiro nível de seleção por consequências, a evolução das culturas. As agências controladoras, como partes das culturas, precisam ser levadas em conta no estudo das contingências presente no contexto social. Esta pesquisa, de caráter teórico-conceitual, visa esclarecer o papel das agências de controle na sobrevivência das culturas. Textos teóricos de B. F. Skinner, considerados como textos fundamentais, foram analisados por meio do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT). Textos auxiliares, que ofereceram suporte na realização dos objetivos, foram registrados por fichamentos. Abordam-se as definições de cultura presente no texto skinneriano, assim como sua relação com o grupo e o papel das pessoas como parte da cultura. Variações comportamentais explicam a origem de novas práticas culturais, que são selecionadas caso o grupo praticante obtenha sucesso na resolução de problemas. Restrições estruturais no terceiro nível de seleção, representadas por contingências predominantes mantidas por agências controladoras, podem afetar a seleção de práticas culturais. Apresenta-se uma possível definição das agências controladoras como conjunto de práticas controladoras, isto é, práticas culturais institucionalizadas, mantidas por uma subdivisão mais poderosa do grupo. Culturas são fortalecidas quando seus membros são melhores educados, mais saudáveis, desperdiçam menos recursos e vivem em um ambiente mais seguro. Práticas culturais podem agir sobre o ambiente social fortalecendo ou enfraquecendo uma cultura. Discute-se o papel das práticas mantidas pelas agências no fortalecimento ou enfraquecimento das culturas, tendo em vista que tais práticas beneficiam principalmente as próprias agências. Aborda-se, de maneira breve, a crítica de Skinner às instituições e sua defesa pelo aumento do controle face a face como uma estratégia para diminuir a concentração de poder pelas agências controladoras. Conclui-se que o arcabouço teórico do Behaviorismo Radical permite investigações de relações de poder entre controladores e controlados e seus efeitos decorrentes. Espera-se que este estudo sirva de incentivo à novas pesquisas sobre contexto social e cultural do comportamento humano, levando em conta as possíveis relações de poder entre as pessoas.

**Palavras-chave:** Behaviorismo radical. Agências controladoras. Práticas culturais. Evolução cultural.

DE SOUZA, Fábio Henrique Silva. **A conceptual analysis of controlling agencies and it's relation with the survival of the cultures.** 66 p. Dissertation (Master's degree of Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

### **ABSTRACT**

For decades, behavior analysts act upon social issues, as either by theoretical production or applying behavioral technology. However, in general, it seems that Analysis of Behavior is not being used for consistent social changes. Authors points to the need to enlarge the intervention and analysis' scope, which demands an effort to study the context in a broader way and consider the third level of selection by consequences, the evolution of cultures. The controlling agencies, as part of the culture, must be considered on the study of social context's current contingencies. This theoretical research aims to clarify the role of the controlling agencies in the evolution of the cultures. Theoretical texts of B. F. Skinner, considered as fundamental texts, has been analyzed by a Conceptual Interpretation Procedure of Text (PICT). Annotations of auxiliary texts of many authors supported reaching the research goals. It is debated the definitions of culture present in the Skinner's work, as well it's relation to the group and the role of people as part of the culture. Behavioral variations explain the origin of new cultural practices, which are selected by the successful effect in problem solving for the practicing group. Structural restritions in the third level of selection, represented by the dominant contingencies maintained by controlling agencies, can affect the selection of cultural practices. It is presented a possible definition of controlling agencies as a set of controlling practices, that is, institucionalized cultural practices, maintained by a powerful subdivision of the group. Cultures are stronger when its members are better educated, healthier, waste less resources and lives in a more secure environment. Cultural practices can act upon social environment strenghtening or weakening a culture. It is discussed the role of practices held by controlling agencies as strenghtening or weakening of a culture, since such practices is for the mainly benefit of the agency. It is considered, briefly, Skinner's criticisms to institutions and his appeal to raise the face to face control as a strategy to reduce power concentration by controlling agencies. It is concluded that the theoretical framework of Radical Behaviorism allows investigations concerning relations of power and its following effects. New researches about social and cultural context of human behavior is expected.

**Key-words:** Radical behaviorism. Ccontrolling agencies. Cultural practices. Cultural evolution.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	7
<b>Método</b> .....	13
<b>Fase 1: procedimento de seleção de textos</b> .....	14
<i>Procedimento de seleção dos textos fundamentais</i> .....	14
<i>Procedimento de seleção dos textos auxiliares</i> .....	15
<b>Fase 2: procedimento de interpretação conceitual de texto (PICT)</b> .....	16
<b>Fase 3: sistematização dos resultados</b> .....	17
<b>Grupo, Cultura e Práticas Culturais</b> .....	18
<b>Grupo</b> .....	18
<b>Definições de cultura</b> .....	20
<b>Origem e seleção de práticas culturais</b> .....	22
<b>Instituições e sua relação com as culturas</b> .....	29
<b>Agências controladoras</b> .....	29
<b>Governo</b> .....	30
<b>Religião</b> .....	32
<b>Educação</b> .....	35
<b>Psicoterapia</b> .....	39
<b>Economia</b> .....	41
<b>Práticas controladoras como práticas culturais</b> .....	45
<b>O papel das agências controladoras na sobrevivência das culturas</b> .....	47
<b>Contingências institucionalizadas e controle face a face</b> .....	52
<b>Considerações Finais</b> .....	54
<b>Referências</b> .....	57
<b>APÊNDICE</b> .....	60
APÊNDICE A – Exemplo da utilização do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto .....	61



## Introdução

É evidente que o mundo continua repleto de problemas graves apontados há décadas por Skinner (1971/2002, 1978, 1987), como a poluição, o uso irrestrito de recursos não renováveis, as guerras, a proliferação de armas e a desigualdade econômica e suas decorrentes mazelas para a população em geral. Analistas do comportamento lidam com comportamentos sociais complexos, em pesquisas básicas e em contextos aplicados, desde pelo menos a década de 1960 (Andery, 2011). Além disso, a criação de comunidades inspiradas em *Walden Two*, romance utópico de Skinner (1948), como *Twin Oaks* e *Los Horcones* expressa a preocupação com problemas sociais e a aplicação da tecnologia comportamental para mitigá-los. Entretanto, em geral, a Análise do Comportamento parece não ser utilizada para a construção de mudanças consistentes (Biglan, 1995). Intervenções de menor escopo já são bem reconhecidas, como a psicoterapia e o manejo de contingências em instituições de saúde e ensino. Porém, contextos mais amplos da cultura, como as contingências sociais fundamentais que constituem muitas práticas atualmente indesejadas, são alvos menos frequentes da atuação dos psicólogos comportamentais (Biglan, 1995; Holland, 1974/2016; Prilleltensky, 1994).

Ampliar o escopo de análise e intervenção parece exigir dos analistas comportamentais um esforço para estudar e considerar o terceiro nível de seleção por consequências (Skinner, 1981), a evolução das culturas. O terceiro nível de seleção constitui-se pela seleção de práticas culturais que ajudam o grupo a resolver seus problemas<sup>2</sup>. Skinner (1981) defende que a seleção das práticas culturais não pode ser reduzida à seleção de comportamentos operantes, do segundo nível: “é o efeito sobre o grupo, não as consequências reforçadoras para os membros individuais, que é responsável pela evolução da cultura” (p. 213). Além disso, cultura é um termo polissêmico na obra de Skinner e o conceito é alvo de

---

<sup>2</sup> É válido salientar que não há consenso na área sobre a existência ou a utilidade analítica de um terceiro nível de seleção comportamental (e.g. Zilio, 2016).

pesquisas teóricas na área (e.g. Andery, 2011; Fernandes, Carrara, & Zilio, 2017; Glenn, 2004; Leugi, 2012; Melo & de Rose, 2013).

Comportamentos de indivíduos em grupo não são de outra natureza e não requerem novos princípios comportamentais além dos utilizados para estudar o comportamento individual (Skinner, 1953/2005). Skinner (1953/2005) esclarece que explicar fenômenos de grupo é uma excelente maneira de testar a adequação e o poder das explicações utilizadas para o comportamento individual, uma vez que este pôde ser claramente compreendido sob condições de uma ciência natural. Se o comportamento de pessoas em grupo puder ser explicado sem nenhum novo termo, processo ou princípio, como defende o autor, a explicação behaviorista radical adquire a simplicidade tão cara a uma explicação científica. Entretanto, isso não significa que fenômenos sociais serão descritos a partir de contingências relativas a cada membro do grupo, “pois outro nível de explicação também pode ser válido e mais conveniente”<sup>3</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 298).

Segundo Skinner, “comportamento social pode ser definido como o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a elas mesmas ou em relação a um ambiente em comum”<sup>4</sup> (1953/1965, p. 297). Para o autor, o comportamento social surge porque um indivíduo é importante para outro como ambiente. Num episódio social, a pessoa A pode emitir comportamentos na presença da pessoa B, sendo que esta responde ou oferece consequências para os comportamentos de A. As ações de A são parte do ambiente de B e vice-versa, havendo uma relação de intercâmbio entre dois ou mais organismos. Skinner (1953/1965) nomeou tais episódios sociais de “sistemas sociais entrelaçados”<sup>5</sup>(p. 308) ou “sistema entrelaçado”<sup>6</sup> (p.309). Contingências comportamentais entrelaçadas (CCE) é um termo mais

---

3 Original: Since another level of description may also be valid and may well be more convenient.

4 Original: Social behavior may be defined as the behavior of two or more people with respect to one another or in concert with respect to a common environment.

5 Original: Interlocking social system.

6 Original: Interlocking system.

conhecido e utilizado, principalmente por estudiosos do conceito da metacontingência<sup>7</sup>, e conserva as definições de Skinner a respeito do episódio social. Como apontado por Todorov, Moreira e Moreira (2005), a palavra “entrelaçada” é vital para o conceito, tanto por ressaltar a reciprocidade estabelecida na relação entre contingências individuais durante uma interação social, como por mostrar que consequências que são atingidas por meio de CCEs diferem de consequências produzidas por contingências individuais.

Melo e de Rose (2013) chamam a atenção para a possibilidade de algumas contingências comportamentais entrelaçadas poderem constituir práticas culturais caso sejam transmitidas e mantidas sob contingências similares. Desse modo, CCEs e as consequências produzidas por elas são partes primordiais do terceiro nível de seleção, constituindo uma unidade de análise diferente dos operantes de cada indivíduo separadamente. Assim como processos fisiológicos são necessários para a ocorrência do comportamento, mas este não pode ser reduzido àqueles, as contingências entrelaçadas que formam práticas culturais não podem ser reduzidas aos operantes dos participantes. De acordo com esse raciocínio, Melo e de Rose (2013) defendem que a cultura pode ser entendida como uma rede que emerge da relação entre diversas práticas culturais, formando um todo diferente da mera soma das partes.

Skinner debruçou-se sobre assuntos relativos aos problemas enfrentados pelas culturas desde 1948, com seu romance utópico, até seus textos tardios. Um dos pontos centrais analisados pelo autor diz respeito às agências controladoras, pois elas indicam relações de desigualdade de poder e o processo de institucionalização das relações sociais. Como parte do ambiente social, as agências controlam variáveis relevantes para o comportamento dos indivíduos e geralmente são mais bem organizadas do que o próprio grupo em que está inserida. O governo, a religião, a economia, a psicoterapia e a educação são exemplos de

---

<sup>7</sup> Em um recente refinamento conceitual, a metacontingência é definida como "uma relação contingente entre 1) contingências comportamentais entrelaçadas recorrentes possuindo um produto agregado e 2) condições ou eventos ambientais selecionadores" (Glenn et al., 2016, p. 13).

agências de controle (Skinner, 1953/1965), sendo que outros grupos, como a mídia (Andery, Pereira & Wang, 2016), podem ser caracterizados como tais.

Agências controladoras são constituintes fundamentais em culturas ocidentais contemporâneas, muitas vezes mantendo um conjunto coeso de práticas culturais (Skinner, 1971/2002). Skinner afirma que “diferentes instituições ou agências de controle podem operar de maneira conflitiva”<sup>8</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 419) e também podem colocar a sobrevivência das culturas em risco. Ele chega a ser taxativo:

se os futuros dos governos, religiões e dos sistemas capitalistas fossem congruentes com o futuro da espécie, nossos problemas estariam resolvidos. Quando certo comportamento fosse ameaçador para a espécie, as instituições o declarariam como ilegal, pecaminoso ou muito custoso, respectivamente, e mudariam as contingências que elas impõem. Infelizmente, os futuros são distintos.<sup>9</sup>(Skinner, 1987, p. 7)

Apesar de Skinner (1971/2002, 1978, 1987) apontar que diversos fenômenos sociais, como a guerra e o consumo exacerbado de recursos naturais, podem pôr a sobrevivência da espécie humana em xeque, seu otimismo era evidente ao defender que a Análise do Comportamento poderia contribuir para mudar o mundo por meio de seu conhecimento científico. Outras tecnologias oferecem novos métodos agrícolas, contraceptivos, ou para a fabricação de armas e abrigos mais eficientes. Porém, por meio de uma tecnologia comportamental poderíamos identificar e modificar as condições ambientais nas quais a fome, a superpopulação e a guerra perduram (Skinner, 1971/2002). Já desenvolvemos modelos mais ecológicos de produção e consumo ou tratamentos médicos mais eficazes, basta agora o uso de uma tecnologia comportamental que crie condições para que tais medidas ecológicas e tratamentos sejam amplamente utilizadas pelas pessoas.

---

8 Original: Different institutions or agencies of control may operate in conflicting ways.

9 Original: If the futures of governments, religions, and capitalistic systems were congruent with the future of the species, our problem would be solved. When a certain behavior was found to endanger the species, the institutions would declare it illegal, sinful, or too costly, respectively, and would change the contingencies they impose. Unfortunately, the futures are different.

James Holland (1974/2016, 1978) compartilhou o otimismo de Skinner ao dizer que os princípios e regularidades descobertas pela Análise Experimental do Comportamento oferecem possibilidades para a mudança de contingências fundamentais do ambiente social. Nesse sentido, o Behaviorismo Radical pode ser parte da solução para muitos dos problemas da nossa sociedade, a depender de como e com quais fins essa ciência é utilizada. Ao esclarecer que vivemos numa sociedade estratificada, dividida entre controladores, a elite que detêm mais poder, e os controlados, Holland (1978) aponta que os usos de estratégias comportamentais podem visar somente ao benefício final de instituições e da elite e perpetuar o *status quo*. Parte da prática dos psicólogos como modificadores do comportamento mostrou-se o oposto da potencialidade revolucionária do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento: investiga-se o comportamento individual, muitas vezes mantendo a lógica de culpar a vítima por seus problemas, e pouco é dito e feito em relação às contingências que são parte estrutural da cultura, mantenedoras dos comportamentos problemas a serem modificados (Holland, 1978). Prilleltensky (1994) apresenta uma crítica semelhante a respeito da prática dos analistas do comportamento:

Ideias seminais a respeito de possíveis reformas dos sistemas governamental e educacional foram atrofiadas por um interesse tacaño em tecnologias práticas moleculares desenvolvidas para manter, e não desafiar, o status quo organizacional. Enquanto praticantes ávidos devotaram incontáveis energias para modificar o comportamento x ou y e suas contingências próximas, eles negligenciaram distantes, mas poderosas, estruturas sociais que podem ter ocasionado, ou no mínimo perpetuado, o comportamento sob escrutínio.<sup>10</sup> (Prilleltensky, 1994, p.126)

Malagodi (1986) define que o Behaviorismo Radical é radical em três sentidos: de chegar às raízes, de ser extremo e por indicar uma simpatia por reformas políticas, econômicas e sociais drásticas. O Behaviorismo Radical chega às raízes do fenômeno ao

---

10 Original: Seminal ideas concerning the possible reform of government and educational systems have been atrophied by a narrow interest in practical molecular technologies designed to maintain, not challenge, the organizational status quo. While eager practitioners devoted endless energies to modify behavior x or y and its proximal contingencies, they paid negligible attention to distal, yet powerful, societal structures that may have occasioned, or at very least perpetuated, the behavior under scrutiny.

considerar os ditos comportamentos mentais e acessíveis somente ao indivíduo; é extremo no sentido de tratar do comportamento verbal e explicar uma miríade de cadeias e repertórios comportamentais extensos. Entretanto, Malagodi (1986) afirma que os behavioristas radicais precisam integrar a terceira concepção junto às demais, afinal, “[...] problemas sociais originam no ambiente social, não na mente dos indivíduos, e soluções para eles serão vindouras somente pela transformação radical de contingências ambientais”<sup>11</sup> (Malagodi, 1986, p. 4).

Isto posto, Holland (1974/2016, 1978), Prilleltensky (1994) e Malagodi (1986) argumentam que o Behaviorismo Radical pode ser útil para a sobrevivência da humanidade desde que os problemas, frutos do comportamento humano, sejam resolvidos por meio de modificações radicais de contingências sociais que constituem o contexto para a ocasião do problema. Uma análise molar da cultura será mais completa e acurada se envolver aspectos relevantes de cada contexto, como, por exemplo, a análise do uso das forças militares e econômicas ocidentais utilizadas para a criação de um mercado de trabalho barato e submisso na Indonésia (Pilger, 2003), ou da estratificação das camadas sociais e a competitividade presente numa sociedade liberal (Holland, 1974/2016). Como afirmam Melo e de Rose (2013) “uma análise comportamental da cultura precisa levar em consideração os tipos de relações sociais assim como as agências controladoras”<sup>12</sup>(p. 327).

Este estudo propõe-se a investigar como a teoria de Skinner permite analisar o contexto social de forma ampla, envolvendo as práticas culturais e a presença de agências controladoras nas culturas. Ou seja, tem o objetivo de analisar o papel das agências de controle na sobrevivência das culturas. Para cumprir esse objetivo, serão apresentadas as possíveis definições de cultura, práticas culturais e agências controladoras na obra do autor,

---

11 Original: [...] social problems originates in social environments, not in the minds of individuals, and solutions to them can be forthcoming only by radically changing environmental contingencies.

12 Original: A behavioral analysis of culture needs to take into account the types of social relations as well as the controlling agencies.

assim como o processo de seleção e evolução das práticas culturais e qual o papel das agências controladoras na evolução delas.

## **Método**

Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual inspirada em outras produções dessa natureza (eg. Bandini, 2008, Dittrich, 2004, Melo, 2008, Oliveira, 2014) que auxiliaram na consolidação de um método de análise conceitual. Segundo Bandini (2008), a ausência de um capítulo para a descrição do método em pesquisas puramente teóricas parece ocorrer por alguns fatores. Há uma suposição de que o leitor esteja familiarizado com os procedimentos de escolha de material e de análise do pesquisador. Outro fator decorre de algo intrínseco à pesquisa teórica, uma vez que “replicação dos dados não é uma meta que se possa atingir” (Bandini, 2008, p. 21). Por isso, descrições sobre a análise conceitual na literatura de métodos com discussões profícuas sobre esse tipo de pesquisa são raras.

Apesar de escassas, Melo (2008) e Bandini (2008) descrevem o uso do método Epistemológico Hermenêutico (Abib, 1996) e do método de Análise Conceitual de Texto (Bandini, 2008) ou simplesmente Análise de Texto (Melo, 2008), que raramente eram formalmente descritos. Em publicação mais recente, houve uma sistematização das características dos dois métodos realizada por Laurenti e Lopes (2016), presente na obra *Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia*. Por aglutinar aspectos metodológicos utilizados em diversos trabalhos teóricos pioneiros, o texto de Laurenti e Lopes (2016), ofereceu, portanto, as diretrizes para a realização da presente pesquisa.

O procedimento envolveu as seguintes fases: (1) Procedimento de seleção dos textos fundamentais e auxiliares; (2) Procedimento de interpretação conceitual de texto (PICT) para os textos fundamentais; (3) fichamento dos textos auxiliares, (4) Sistematização dos resultados. Os textos de B. F. Skinner foram tomados como textos fundamentais por tratar-se do corpo teórico estabelecido pelo fundador e principal autor do Behaviorismo Radical. Os

textos de Skinner que não foram selecionados para o PICT foram considerados textos auxiliares. Além desses textos, considerou-se texto auxiliar todo texto, de diversos autores da psicologia e ciências sociais, utilizados para a construção da revisão da literatura e para contribuição nas análises.

### **Fase 1: procedimento de seleção de textos.**

*Procedimento de seleção dos textos fundamentais.* A busca de textos fundamentais ocorreu por meio do índice remissivo e sumário de livros e coletâneas de artigos em que B. F. Skinner apresenta aspectos teóricos do Behaviorismo Radical, em sua língua original quando possível. Títulos de capítulos que indicavam discussões relativas a evolução da cultura, práticas culturais, planejamento cultural, comportamento social e agências controladoras foram selecionados. Um total de 38 textos foram selecionados em nove livros. Entretanto, como foi preciso realizar uma segunda seleção para delimitar a realização do PICT, tendo em vista os limites desta pesquisa, 20 dos 38 textos foram selecionados. Como consta a seguir, os títulos sublinhados foram alvo do PICT e os não sublinhados passaram a ser considerados textos auxiliares:

- *Science and human behavior (1953):* Social Behavior; Personal Control; Group Control; Government and Law; Religion; Psychotherapy; Economic Control; Education; Culture and Control; Designing a culture, The problem of control.
- *Cumulative record (1959):* Freedom and the control of men; The control of human behavior (abstract); Some issues concerning the control of human behavior; The design of cultures; The design of experimental communities; Why are the behavioral sciences not more effective?
- *The technology of teaching (1968):* The behavior of the establishment.
- *Contingencies of reinforcements (1969):* Utopia as an experimental culture; The environmental solution, The phylogeny and ontogeny of behavior.



- *Beyond freedom and dignity (1971)*: The evolution of a culture; The design of a culture, What is Man?.
- *About behaviorism (1974)*: The question of control.
- *Reflections on behavior and society (1978)*: Human behavior and democracy; Are we free to have a future?; Walden Two Revisited; Walden (One) and Walden Two, Freedom and dignity revisited.
- *Upon further reflection (1987)*: Why we are not acting to save the world; What is wrong with daily life in the western world?; News from nowhere 1984; Selection by consequences<sup>13</sup>; The evolution of behavior, The evolution of verbal behavior.
- *Recent issues in the analysis of behavior (1989)*: The initiating self, New preface to beyond freedom and dignity.

***Procedimento de seleção dos textos auxiliares.*** Por meio do portal da CAPES, as bases APA PsychNET, SciELO.ORG, SCOPUS (Elsevier) e PubMed Central: PMC e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foram consultadas para o levantamento de textos auxiliares. As bases foram escolhidas por abrangerem diversas áreas de conhecimento, como a Antropologia e Sociologia e por conterem periódicos da Análise do Comportamento, como Journal of Experimental Analysis of Behavior, Journal of Applied Behavior Analysis, Behavioral and Social Issues, The Behavior Analyst, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Revista Brasileira de Análise do Comportamento e Acta Comportamentalia. Os seguintes descritores, em português e em inglês, foram utilizados

---

<sup>13</sup> Apesar de o artigo ter sido recuperado do livro *Upon further reflection*, foi utilizada a republicação presente no livro *Canonical Papers of B. F. Skinner*, edição organizada pela *The Behavioral and Brain Sciences* de 1984, por conter críticas e respostas relevantes ao texto de Skinner.

durante o levantamento bibliográfico: “Skinner”, “cultura”, “práticas culturais”, “agências controladoras” e “agência de controle”. A leitura do resumo ou do texto integral, quando possível, determinou quais artigos seriam utilizados durante a pesquisa. Foi elaborado um fichamento para cada texto, tanto em forma de tópicos ou como um resumo, contendo citações, e as principais teses e argumentos. Os fichamentos, assim como as sínteses produzidas no PICT, constituiram o ponto de partida para a elaboração do texto principal da dissertação.

### **Fase 2: procedimento de interpretação conceitual de texto (PICT)<sup>14</sup>.**

O Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto foi tomado como modelo para a análise dos textos considerados fundamentais. O PICT, segundo Laurenti e Lopes (2016), é uma maneira sistemática de construção de interpretações, voltado especialmente para a identificação de conceitos, teses e suas afinidades filosóficas. O procedimento consistiu em quatro etapas.

A primeira etapa do PICT consistiu no levantamento dos principais conceitos do texto e foi dividida em quatro passos. O primeiro passo caracterizou-se pela enumeração no texto, durante a leitura, dos conceitos importantes para a pesquisa, no caso, relacionados à temática da cultura e das agências de controle. O segundo passo consistiu no registro das definições, de preferência contando com a transcrição exata do trecho que aborda o conceito.

A segunda etapa teve como objetivo apresentar a estrutura conceitual do texto, por meio da identificação e articulação das teses presentes no texto. Foram identificadas e registradas as teses tradicionais (TT), as críticas (c) e as teses alternativas (TA) pertinentes para os objetivos da pesquisa. Segundo Laurenti e Lopes (2016) teses tradicionais são “afirmações feitas por outros autores, teorias ou doutrinas, e que serão discutidas e criticadas pelo autor do texto” (p. 57), críticas constituem “problemas que o autor do texto menciona em

---

14 No apêndice A consta um exemplo do PICT aplicado em um capítulo.

relação às teses tradicionais” (p. 57) e teses alternativas referem-se aos argumentos “do autor para substituir as teses tradicionais criticadas evitando seus problemas” (p. 57).

O pesquisador registrou alguns comentários ou dúvidas em relação ao texto que foram úteis para a construção das etapas anteriores, destacando esses registros com realce e sublinhado para manter a separação entre suas reflexões e as teses e conceitos do autor (ver no apêndice A). É importante notar que esse procedimento não consta na sistematização de Laurenti e Lopes (2016), sendo fruto de nossa adaptação.

A terceira etapa consistiu na elaboração de diagramas, formas e figuras que facilitaram a visualização das relações entre as teses tradicionais, as críticas e as teses alternativas. A estrutura argumentativa do texto, lacunas e equívocos cometidos pelo autor tornaram-se mais fáceis de serem identificadas. Em textos em que se identificaram menos de três conceitos ou teses, esta etapa foi pulada, pois foi possível organizar os conteúdos do texto já em forma de texto, produto da próxima etapa.

A quarta etapa caracterizou-se pela síntese de um texto interpretativo baseando-se nos conceitos, teses e crítica identificados na primeira e segunda etapas ou nos esquemas construídos na terceira etapa. O objetivo desta etapa foi a construção de um texto que aponte as definições de conceitos, teses e críticas levantadas durante as etapas anteriores, assim como a explicitação de lacunas e afinidades filosóficas detectadas ao longo do PICT. O texto produto desta etapa facilitou o processo de construção de articulações entre os textos e evitou o resgate e a necessidade de releitura dos textos originais.

### **Fase 3: sistematização dos resultados.**

A elaboração de um texto final foi realizada por meio da articulação de parte do material produzido pelo PICT e pelos fichamentos dos textos auxiliares. Cabe notar que o processo de *interpretação* em desenvolvido a partir do procedimento metodológico descrito apresenta um compromisso filosófico próprio que o associa ao conceito de interpretação como

*construção*, que tem como pressuposto que “interpretar é construir um significado na inter-relação entre autor, leitor e texto” (Laurenti, & Lopes, 2016, p. 50). A interpretação como construção admite limites intransponíveis presentes no texto ao mesmo tempo em que questiona a autoridade do autor sobre o texto. O intérprete tem um papel ativo ao estabelecer relações textuais entre a teoria e elementos que “foram invisíveis ao autor do texto, mas que nem por isso são menos possíveis” (p. 50), como compromissos filosóficos, discussões políticas e ideológicas, etc.

O texto não é visto como uma obra fechada, refém da intenção original do autor ou de um sentido absoluto, nem infinitamente aberta. Dentre os critérios de avaliação que dão limites para quais interpretações podem ser construídas, estão a consistência lógico-filosófica, a natureza das fontes, apoio textual e a apreciação crítica da comunidade científica. Uma interpretação válida, dessa forma, é aquela que não apresenta falácias, contradições e equívocos filosóficos; tem base em fontes primárias, de edições confiáveis; revela apoio textual claro que justifica a interpretação proposta, e finalmente, resiste às críticas da comunidade científica (Abib, 1996; Laurenti, & Lopes, 2016).

### **Grupo, Cultura e Práticas Culturais**

**Grupo.** A explicação histórica da filogênese, ontogênese e da cultura por meio do modelo explicativo da seleção por consequências dispensa a necessidade de um Deus ou um eu interno criador, valores absolutos preestabelecidos e propósitos (Skinner, 1953/2005, 1971/2002, 1974, 1981/1984, 1989). Ideias e valores tradicionais já foram vistos como o núcleo definidor da cultura de um grupo. Crítico a essa concepção tradicional da Antropologia, Skinner (1971/2002) defende que é possível investigar o que esses termos buscam explicar nas bases de uma ciência comportamental. Ideias, valores e costumes de uma cultura estão presentes nos comportamentos costumeiros dos membros de um grupo. Dessa

forma, os comportamentos constituem o objeto legítimo da investigação da cultura de um grupo. Grupo, cultura e práticas culturais são três conceitos vitais quando Skinner aborda o tema e por isso devem ser explicitados claramente.

Segundo Skinner, (1953/1965) um grupo pode ser definido como um conjunto de duas ou mais pessoas, em interesse comum, que exercem controle sobre variáveis que afetam um indivíduo. O grupo age como uma unidade na medida em seus membros são afetados de forma semelhante pelos comportamentos dos indivíduos. Também se diz que o indivíduo é afetado pelo grupo quando diversos membros controlam o comportamento do indivíduo com a mesma função. Se, por exemplo, o indivíduo comporta-se de forma egoísta e produz danos aos outros, seu comportamento será aversivo para os membros do grupo como um todo. Em geral, o controle exercido pelo grupo impede a obtenção de reforçadores imediatos ao indivíduo que possam produzir consequências aversivas ao grupo. Entretanto, apesar de certas perdas em reforçamento imediato, o indivíduo controlado acaba obtendo ganhos como membro do grupo. Dessa forma, o sistema social do grupo chega a um estado estável entre “vantagens e desvantagens” para seus membros. Skinner (1953/1965) denomina essa relação de controle realizada pelo grupo de controle ético. É válido ressaltar que Skinner (1953/1965) parece estar descrevendo um tipo de organização grupal não institucionalizada, isto é, um grupo sem a delegação de atividades específicas para instituições ou relações estratificadas. Muitas técnicas de controle das instituições substituem o controle ético do grupo na medida em que este aumenta de complexidade e tamanho.

Skinner (1969, 1974) comenta que o grupo passa a desenvolver uma miríade de formas para produzir repertórios de autocontrole no indivíduo, utilizando-se do comportamento verbal para aproximar consequências distantes e na utilização de reforçamento artificial para o fortalecimento de comportamentos benéficos menos prováveis. O grupo passa a denominar comportamentos como “certo/bom” ou “errado/ruim” em função

de suas conseqüências produzidas naquele contexto. Comportamentos bons são reforçados e comportamentos ruins são punidos (Skinner, 1953/1965). Portanto, o grupo é um ambiente social composto por diversas contingências mantidas pelos seus membros, que passam a realizar certas práticas culturais daquele ambiente. O grupo cria uma cultura.

**Definições de cultura.** Skinner discorreu sobre cultura de diversas formas ao longo de sua obra, tanto para abordar comportamentos sociais à luz de uma ciência natural, como para discutir a importância do comportamento verbal para os humanos e problemas sociais com proporções globais. Cultura tornou-se um termo polissêmico no Behaviorismo Radical. Considerando que "um ambiente social é geralmente chamado de uma 'cultura' de um grupo"<sup>15</sup> (1953/2005, p. 419), cultura seria "um ambiente social, contingências de reforçamento mantidas por um grupo"<sup>16</sup> (Skinner, 1981/1984, p. 506). Skinner também argumenta que cultura pode ser entendida como "conjunto de práticas, mas não é um conjunto que não pode ser misturado com outros conjuntos"<sup>17</sup> (1971/2002, p.131). Além disso, cultura pode ser entendida como um ambiente experimental, uma vez que as contingências que controlam os comportamentos de seus membros são passíveis de modificações (Skinner, 1971/2002), como estilo de vida de um grupo (Skinner, 1969) e como ambiente verbal (Skinner, 1987). Dessa forma, cultura possui ao menos seis acepções nos textos skinnerianos: ambiente social, ambiente experimental, ambiente verbal, conjunto de contingências de reforçamento, estilo de vida do grupo e conjunto de práticas culturais.

De modo geral, as definições do autor indicam que cultura é formada por contingências de reforçamento mantidas por outras pessoas que controlam o comportamento do indivíduo. Para Skinner (1953/1965), "no sentido mais amplo possível, a cultura na qual o indivíduo nasce é composta por todas as variáveis arranjadas por outras pessoas que o

---

15 Original: A social environment is usually spoken of as the "culture" of a group.

16 Original: a social environment, the contingencies of reinforcement maintained by a group.

17 Original: a set of practices, but not a set which cannot be mixed with other sets.

afetam”<sup>18</sup> (p. 419). A maneira como as contingências afetam os indivíduos define quais são as práticas culturais daquele grupo, pois as práticas dizem respeito ao repertório comportamental adquirido pelas contingências mantidas naquela cultura. Skinner afirma que “comportamento conforma-se aos padrões de uma dada comunidade quando certas respostas são reforçadas e outras não o são ou são punidas”<sup>19</sup> (p. 415). O ambiente social determina uma série de comportamentos de seus membros, desde o quê e como seus membros comem e bebem até aos tipos de assuntos que são discutidos e quais músicas são feitas (Skinner, 1953/1965).

Skinner (1969, 1971/2002) aponta uma aparente distinção entre a cultura e seus membros, mesmo reconhecendo a relação indissociável entre eles. Por tratar-se de contingências sociais ou um conjunto de práticas culturais, o autor afirma que “uma cultura é frequentemente difícil de identificar. Está constantemente mudando, carece de substância, e é facilmente confundida com as pessoas que mantêm o ambiente e são afetadas por ele”<sup>20</sup> (Skinner, 1971/2002, p.132). Geralmente identificamos uma cultura pelos seus membros pelo fato de pessoas e suas práticas serem mais fáceis de serem observadas do que as contingências que geram seus comportamentos.<sup>21</sup> Justamente por se tratar de um conjunto de contingências, uma cultura “é *mais* do que um grupo no sentido de seus habitantes de um dado local”<sup>22</sup> (Skinner, 1981/1984, p. 506, itálicos adicionados).

A separação feita por Skinner (1971/2002) entre cultura e seus membros praticantes permite falarmos em competição entre culturas como disputa entre estilos de vidas, em vez de competição entre pessoas de forma violenta, como defendido pelos adeptos do darwinismo social. Desse ponto de vista, pode-se questionar se devemos contribuir para a continuidade do

---

18 Original: In the broadest possible sense the culture into which an individual is born is composed of all the variables affecting him which are arranged by other people.

19 Original: behavior comes to conform to the standards of a given community when certain responses are reinforced and other are allowed to go unreinforced or are punished.

20 Original: a culture is often hard to identify. It is constantly changing, it lacks substance, and it is easily confused with the people who maintain the environment and are affected by it.

21 Original: only to the extent that we identify a culture with the people who practice it can we speak of a ‘member of a culture’.

22 Original: It is more than a group in the sense of the inhabitants of a given place.

estilo de vida americano tradicional, com o alto uso de automóveis particulares, consumismo e culto às armas, sem o comprometimento de defender a morte daqueles que aderiram tal estilo de vida. Isto é, a extinção de uma cultura não necessariamente exige a morte de seus membros, mas sim o término de suas práticas características por uma mudança nas contingências sociais.

Apesar de Skinner (1969, 1971/2002) salvaguardar-se de interpretações da sobrevivência das culturas alinhadas ao darwinismo social, é difícil desconsiderar as pessoas enquanto partes inegáveis das culturas. Se cultura é entendida como conjunto de contingências sociais ou como ambiente social, as pessoas podem ser consideradas parte da cultura na medida em que medeiam consequências e são contexto para emissão de respostas de qualquer membro do grupo. Afinal, ambiente social leva este nome pela presença de pessoas, assim como o fato das práticas culturais serem realizadas por pessoas.

A importância dos indivíduos para a cultura é evidente quando Skinner (1971/2002, 1981/1984) sugere um paralelo entre a evolução dos organismos e a evolução cultural. Uma cultura possui um conjunto de práticas culturais assim como uma espécie possui suas características anatômicas. A evolução de práticas culturais é semelhante à evolução dos olhos, pernas, corações, asas e estômago das espécies (Skinner, 1981/1984). Assim como os indivíduos carregam as características de uma espécie, as práticas de uma cultura são "carregadas"<sup>23</sup> (1971/2002, p. 129) por seus praticantes, no sentido de serem praticadas e transmitidas ao longo de gerações por várias pessoas. Entretanto, Skinner (1971/2002) destaca que a evolução cultural é mais lamarckiana do que darwiniana, pois as práticas culturais podem ser transmitidas para gerações atuais e passadas.

**Origem e seleção de práticas culturais.** A correspondência entre a evolução das culturas e das espécies sugere semelhanças no que diz respeito a como uma nova prática surge

---

23 Original: carried.



e como ela é selecionada. Novas práticas culturais decorrem de variações randômicas e são selecionadas por seus efeitos tanto no segundo nível, traduzíveis em termos de contingências de reforçamento individuais, como no terceiro nível, em contingências de sobrevivência das culturas (Skinner, 1969, 1971/2002).

Um modo melhor de criar uma ferramenta, cultivar alimento ou ensinar ajudantes começa no nível do indivíduo. Portanto, “uma cultura evolui quando práticas originadas deste modo contribuem para o sucesso do grupo praticante na resolução de seus problemas”<sup>24</sup> (Skinner, 1981/1984, p. 478). Assim como uma mutação genética, a origem de uma prática pode ocorrer ao acaso ou por variações relacionadas às idiossincrasias do ambiente social. Uma dieta específica de uma cultura pode ter derivado de restrições alimentares de um rei ou líder, assim como a trigonometria, utilizada para construir barreiras que contivessem as inundações anuais do rio Nilo no Egito, perdurou na cultura por outros motivos (Skinner, 1971/2002). Uma passagem em *About Behaviorism* reitera a analogia entre evolução biológica e cultural, apontando para o efeito no segundo nível, a resolução de problemas para os indivíduos, e o efeito no terceiro nível, a sobrevivência da prática e possível transmissão para novos membros:

Uma prática surge como uma mutação, afeta as chances do grupo resolver seus problemas e, se o grupo sobrevive, a prática sobrevive com eles. Ela foi selecionada por suas contribuições para a efetividade daqueles que a praticam.<sup>25</sup> (Skinner, 1974, p. 203)

A situação problema se apresenta quando um organismo não pode emitir uma resposta que é forte por estar sob controle de contingências aversivas. Nesta condição, não é possível agir imediatamente para remover uma estimulação aversiva. A resolução de problemas pode ser definida como “qualquer comportamento que, por meio da manipulação de variáveis,

---

24 Original: A culture evolves when practices originating in this way contribute to the success of the practicing group in solving its problems.

25 Original: a practice arises as a mutation, it affects the chances that the group will solve its problems, and if the group survives, the practice survives with it. It has been selected by its contribution to the effectiveness of those who practice it.

torna a aparição da solução mais provável”<sup>26</sup> (Skinner, 1953/1965, p.247). Quando a contingência aversiva é modificada e solucionada, torna-se possível a emissão da resposta desejada. O esgotamento de fonte de água potável é um problema para um grupo, pois os membros não poderão emitir comportamentos relacionados ao uso de água e eliminar a sede. O problema poderia ser resolvido pelo grupo com a exploração de outras fontes de água subterrânea ou a captação de água da chuva. A trigonometria, como comenta Skinner (1971/2002), foi selecionada por ter ajudado na resolução dos problemas produzidos pelas inundações do rio Nilo. O sucesso na resolução de problemas por parte dos praticantes é uma consequência reforçadora para os indivíduos e parece ser importante para a seleção da prática cultural.

Em outro trecho, em *Beyond Freedom and Dignity*, Skinner apresenta o mesmo argumento, mas há um intercâmbio do termo prática cultural para cultura:

uma *cultura*, como uma espécie, é selecionada por sua adaptação ao ambiente: na medida em que ela ajuda seus membros a conseguir o que eles precisam e evitar o que é perigoso, ela os ajuda a sobreviverem e transmitir a cultura.<sup>27</sup> (Skinner, 1971/2002, p. 129, itálicos adicionados)

Esse é um exemplo de possíveis ambiguidades nas definições de Skinner, fruto das diferenças entre suas afirmações ao longo de sua obra. Afinal, o que é selecionado: a cultura ou uma prática cultural? Parece ser mais coerente dizer que a prática cultural é alvo de seleção, uma vez que ela é a unidade de seleção no terceiro nível. A cultura é um produto da seleção de uma miríade de práticas culturais. Uma cultura evolui, isto é, modifica-se, quando novas práticas são selecionadas ou quando práticas antigas desaparecem. Dittrich (2008) enfatiza esse aspecto: a sobrevivência de uma cultura não implica na sobrevivência de determinadas práticas culturais que constituem tal cultura. “Nem o surgimento, nem o

---

26 Original: any behavior which, through the manipulation of variables, makes the appearance of a solution more probable.

27 Original: A culture, like a species, is selected by its adaptation to an environment: to the extent that it helps its members to get what they need and avoid what is dangerous, it helps them to survive and transmit the culture.

desaparecimento, nem a transformação de práticas culturais são intrinsecamente bons ou ruins para sobrevivência das culturas” (p. 254). A sobrevivência de certas práticas culturais pode não promover a sobrevivência das culturas, nem o desaparecimento daquelas implica necessariamente no desaparecimento dessas. A história da evolução de práticas e das culturas pode ser distinta, cada uma com percursos diferentes e podendo apresentar resultados discrepantes. Mudanças no comportamento de condutores de automóvel, por exemplo, podem ocorrer sem quaisquer outras modificações nas diversas práticas culturais de determinada cultura. Nesse cenário hipotético, o Brasil ainda seria conhecido pela feijoada, samba, futebol, carnaval, simpatia da população mesmo que agora todos os motoristas respeitassem a faixa de pedestre e a prática de furar o semáforo vermelho acabasse. Em outros casos, como a proliferação de armas nucleares e o esgotamento de recursos naturais, já muito denunciado por Skinner (1971/2002), são práticas culturais amplamente transmitidas e que podem ser letais para a sobrevivência das culturas, comprometendo a existência dos indivíduos.

O efeito das práticas culturais sobre a própria cultura é salientado por Skinner (1971/2002) quando ele comenta a importância das culturas serem abertas às mudanças e novidades em suas práticas, na medida em que isso evita a conservação de práticas tradicionais ou que já foram efetivas em determinado contexto histórico mas deixaram de apresentar valor de sobrevivência para as culturas (Skinner, 1971/2002). Mudar práticas torna-se ela própria uma prática, pois incentiva a variabilidade e maiores chances da cultura se adaptar a novas situações.

Além do efeito sobre contingências ontogenéticas na resolução de problemas para membros do grupo, práticas culturais produzem outro efeito que somente pode ser aferido no nível do grupo. Skinner (1981/1984) afirma que “é o efeito sobre o grupo, não as consequências reforçadoras para cada membro individual, que são responsáveis pela evolução

da cultura”<sup>28</sup> (p. 478), reconhecendo que “o processo requer condicionamento operante, mas é uma contingência de seleção diferente”<sup>29</sup> (p. 506).

Por vezes Skinner (1971/2002) aproxima a consequência no nível do grupo à sobrevivência das culturas, bastante associada à sobrevivência de seus membros, como expõe que “uma cultura evolui quando novas práticas promovem a sobrevivência daqueles que as praticam”<sup>30</sup> (p. 134) e quando afirma que “uma cultura sobrevive se aqueles que a carregam sobrevivem”<sup>31</sup> (p. 135). Assumindo que a sobrevivência da cultura está intimamente ligada à sobrevivência de seus membros, pode-se concluir que as pessoas de fato são parte da cultura, pois elas “carregam” a cultura ao emitirem operantes relacionados às práticas culturais. Entretanto, aproximar a sobrevivência das culturas à sobrevivência de seus membros é incompatível com a postura crítica de Skinner ao darwinismo social (Skinner, 1969, 1971/2002).

Em seu comentário ao artigo seminal de Skinner *Selection by consequences*, Marvin Harris afirma que Skinner comete um “lapso epistemológico”<sup>32</sup> (Skinner, 1981/1984, p. 490) ao considerar o efeito do grupo como responsável pela seleção de uma prática, por não operacionalizar o que seria esse fenômeno. O efeito do grupo, para Harris, não passa de efeitos *individuais* agregados. A seleção ocorreria como resultado entre consequências favoráveis ou aversivas para todos ou alguns dos membros de um grupo. Uma relação entre custo e benefício seria o fator que possibilitaria a seleção de uma prática para o grupo, revelando um efeito diversificado - reforçador ou aversivo - para diferentes membros do grupo (Skinner, 1981/1984).

---

28 Original: it is the effect on the group, not the reinforcing consequences for individual members, which is responsible for the evolution of the culture.

29 Original: that process requires operant conditioning, but it is a different contingency of selection.

30 Original: a culture evolves when new practices further the survival of those who practice them.

31 Original: a culture survives if those who carry it survive.

32 Original: epistemological lapse.

Como descreve o antropólogo (Harris, 1978), a caça às bruxas resultou na morte de cerca de 500 mil pessoas entre os séculos XV e XVII. As práticas culturais relacionadas a esse resultado certamente não beneficiaram suas vítimas, majoritariamente mulheres. As classes dominantes incentivavam a crença sobre os terrores provocados pelas bruxas e promoviam sua aniquilação pois assim, segundo o autor, criava-se uma explicação sobrenatural para problemas cotidianos, sociais e políticos enfrentados pela população. Além disso, a violência institucionalizada e perpetuada pela Inquisição justificou o massacre de muitos levantes messiânicos que questionavam o poder religioso e político da época.

Harris enfatiza que o efeito de uma prática cultural não é o mesmo para todos os participantes de um sistema sociocultural: “onde há hierarquia sexual, de idade, de classe, de casta ou étnica, inovações podem ser selecionadas segundo o custo-benefício favorável para o indivíduo superior, independente das consequências para os indivíduos subordinados”<sup>33</sup> (Harris, 2007, p. 43). Segundo seu argumento, a seleção de práticas nem sempre beneficia o grupo como um todo, podendo ser mantidas em benefício de uma elite<sup>34</sup>, ao mesmo tempo em que consequências aversivas são produzidas para outros membros ou para o futuro da cultura como um todo. Além disso, Harris critica a concepção de que práticas são selecionadas por sua contribuição à sobrevivência da cultura, pois isso não se sustenta diante da quantidade de inovações que foram selecionadas por consequências que não evidenciaram maiores ou menores chances de sobrevivência. Inovações poderiam ser acumuladas ao longo de muito tempo antes que elas pudessem contribuir para a sobrevivência das culturas (Harris, 2007).

Apesar da crítica de Harris ser contundente, não podemos dizer que Skinner ignorou as diferenças hierárquicas e subdivisões presentes nas sociedades. Se por vezes Skinner

---

33 Original: Where sexual, age, class, caste, and ethnic hierarchies exist, innovations may be *selected for* on the grounds of their favorable cost–benefit consequences for the superordinate individual regardless of the consequences for subordinate individuals.

34 Podemos pensar as elites nos termos de Holland (1974/2016), isto é, aqueles que, numa sociedade estratificada, detêm poder para criar contingências e manipular variáveis que afetam outros membros, como os generais do exército, diretores de grandes corporações, professores nas escolas e diretores nos hospitais psiquiátricos.

parece tratar do grupo como um todo homogêneo, sendo cada indivíduo afetado pelas práticas culturais de forma igual, isso mostra-se fruto de uma interpretação que não se sustenta perante alguns trechos de sua obra. Skinner (1953/1965) reconhece que a cultura não é algo unitário, como conjunto de contingências dispostas no ambiente social, ela afeta diferentemente os membros de uma cultura. O autor afirma que “nós observamos que um ambiente social nunca é totalmente consistente. Também é provável que nunca seja o mesmo para dois indivíduos”<sup>35</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 424). Por conter indivíduos com histórias genéticas e ontogenéticas únicas, os grupos constituem *locus* de interações bastante diversas entre ambiente social e comportamento das pessoas. O crescimento do grupo é outro fator explorado por Skinner, pois “em qualquer grupo grande não há contingências universalmente observadas”<sup>36</sup> (p. 419). Sua produção de reflexões sobre as agências controladoras, a erosão das relações face a face entre os indivíduos e a possibilidade de aniquilação das culturas pela própria humanidade é um forte argumento de que Skinner não concebia a sociedade de modo idílico.

Em suma, práticas culturais surgem de variações comportamentais, são selecionadas e transmitidas por sua utilidade na resolução de problemas para o grupo praticante e podem contribuir ou não para a sobrevivência daquela cultura. Skinner (1971/2002) argumenta que práticas podem fortalecer uma cultura, na medida em que elas contribuem para a saúde de seus membros, qualidade de vida, produção de bens de maneira sustentável e eficaz, segurança, etc. Uma cultura, para sobreviver, deve ser transmitida ao longo das gerações, e para tanto, depende da qualidade do ensino, saúde e felicidade de seus membros; ela deve dar suporte aos seus membros e induzi-los a trabalharem para sua manutenção, garantindo sua sobrevivência.

---

35 Original: We have seen that a social environment is never wholly consistent. It is also probably never the same for two individuals.

36 Original: In any large group there are no universally observed contingencies of control.

## Instituições e Sua Relação Com as Culturas

**Agências controladoras.** Agências controladoras, ou instituições, são subdivisões geralmente mais organizadas do grupo que controlam melhor o comportamento das pessoas por manipularem variáveis como o dinheiro, força militar, prêmios ou recompensas e ameaças sobrenaturais. Skinner (1953/1965) abre possibilidades para definirmos as agências controladoras dentro de um *continuum*, desde instituições altamente organizadas e complexas, como instituições religiosas ou governamentais, passando por agências de média complexidade, como as categorias profissionais de educadores e psicoterapeutas, até o poder exercido por um único indivíduo, como um xamã de uma tribo ou um gangster de um bairro. Desse modo, a manipulação de variáveis relevantes para o controle de comportamentos dos membros de um grupo é o que primordialmente define uma agência controladora, seja ela composta por um conjunto de diversos membros de diferentes profissões ou níveis hierárquicos, ou por um único indivíduo com condições especiais, como força física, riqueza, influência política ou apelo sexual (Skinner, 1953/1965).

O acesso a variáveis para modificar ou criar contingências é tratado como sinônimo de poder no texto de Skinner (Skinner, 1953/1965). Segundo Guerin (1994), o “poder está onde reside o controle, tanto em quem arranja as consequências, quem arranja as condições de estímulos que selecionam comportamentos ou quem determina quais comportamentos podem ser modelados”<sup>37</sup> (p. 284). Guerin (1994) afirma que comumente se diz que num ambiente experimental o pombo ou rato controla o experimentador na mesma medida em que o experimentador controla o animal. A princípio, isso parece estabelecer uma relação de igualdade entre os conceitos de poder e controle. Admitindo isso, o poder estaria presente em toda e qualquer relação comportamental, visto que o controle é inerente às relações comportamentais. Entretanto, Guerin (1994) argumenta que uma relação de poder é

---

37 Original: power is where the control lies, in either who arranges the consequences, who arranges the stimulus conditions which selects behaviors, or who determines which behaviors can be shaped.

estabelecida quando há diferença entre as partes envolvidas para arranjar contingências. Nesse caso, apesar das respostas do experimentador estar sob controle do animal, o experimentador detém mais poder, pelo fato dele ter mais acesso a outros contextos e estar apto a criar novas contingências que controlarão o comportamento de seu sujeito experimental. Desse modo, agências exercem poder ao gerenciarem variáveis importantes do cotidiano dos indivíduos. As ações empregadas pelas agências a fim de modificar as contingências são chamadas de práticas controladoras (Skinner, 1953/1965).

Em seu livro *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner caracteriza o governo, a religião, a economia, a psicoterapia e a educação como agências controladoras. A relação estabelecida entre controladores e controlados forma um sistema social, isto é, ações de um indivíduo são parte da contingência para o comportamento de outro indivíduo. Para a análise desse episódio social, Skinner (1953/1965) evidencia a importância de identificar: a) os membros que compõem a agência; b) quais variáveis são empregadas na prática controladora, c) como a agência detém poder sobre essas variáveis e d) quais efeitos sob o controlado que explicam a manutenção de uma agência. A identificação desses fatores é vital para compreendermos como e quais práticas controladoras são empregadas, quais consequências são produzidas e quem são seus maiores beneficiados.

**Governo.** O governo é um exemplo claro de uma agência bem organizada. Skinner (1953/1965) afirma que governar geralmente é sinônimo de uso de poder para punir. Para tanto, o governo possui um subgrupo especializado e devidamente equipado para realizar essa tarefa: a polícia e o exército. Uma forma de governo baseada no consentimento do governado pode ocorrer na medida em que o grupo delega poder governamental para um indivíduo. Nesse caso, a função governamental é congruente com o controle ético realizado pelo grupo.

Um importante elemento do governo é a lei. Segundo Skinner (1953/1965), a lei é a codificação das práticas controladoras de uma agência governamental, que tem como objetivo



especificar quais comportamentos estão sob controle da agência e como ela administrará consequências para cada resposta. Uma lei pode descrever contingências previamente existentes em um grupo ou servir para o estabelecimento de novas contingências, prescrevendo-as. Como as regras do grupo ético, que definem comportamentos como “certo” e “errado”, a lei é utilizada para a classificação de comportamentos como “legais” e “ilegais”, possibilitando ao governo reforçar e punir respectivamente. Como a contingência descrita na lei é geralmente estendida no tempo e mediada por inúmeros comportamentos verbais, sua codificação, enquanto produto verbal, aproxima instâncias de punição ao comportamento de todos os membros controlados pela agência governamental. Desse modo, aumenta a probabilidade das práticas de um governo serem mais consistentes para todo o grupo, além dos indivíduos serem afetados ao “testemunhar a punição de outro”<sup>38</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 340).

Como o controle exercido pelo governo é majoritariamente aversivo, suas práticas controladoras envolvem os processos de reforçamento negativo (quando a agência apresenta ameaça de punição para fortalecer comportamentos “legais” e garantir a paz e a ordem social), além da punição negativa e a punição positiva (contingentes aos comportamentos “ilegais”). A cobrança de impostos e a ameaça aos inadimplentes e sonegadores ocorre por reforçamento negativo e visam a obtenção de dinheiro para a manutenção do funcionamento e dos projetos da agência. O governo remove reforçadores positivos como a propriedade, dinheiro e liberdade do indivíduo, no caso do encarceramento. O uso da força policial e militar nas operações contra o crime ou contra manifestações sociais que abalam o governo caracterizam uma punição positiva (Skinner, 1953/1965).

Um governo se torna cada vez mais forte ao ser bem-sucedido no seu exercício de controlar. Entretanto, o crescimento de uma agência pode desestabilizar a relação entre

---

38 Original: witnessing the punishment of others.

controladores e controlados na medida em que fontes de poder podem se exaurir ou condições são criadas em que população exerça contracontrole. Com o amplo uso de contingências aversivas, a governabilidade está sujeita a ser ameaçada pelo contracontrole do comportamento dos governados, na forma de exílio, revolta ou resistência passiva. A lei auxilia no regulamento de poder da agência governamental e na manutenção da estabilidade entre controladores e controlados (Skinner, 1953/1965). A constituição, enquanto conjunto de normas que regem um Estado democrático, é um dispositivo para garantir a possibilidade de contracontrole por parte da população ou outras esferas organizadas da sociedade, como a estabilização da interação entre agência e grupo. Para Skinner (1953/1965), uma constituição restringe o poder do governo ao “especificar a composição da agência governamental, os canais pelos quais ela recebe seu poder e os procedimentos a respeito de como as leis devem ser feitas, interpretadas e aplicada”<sup>39</sup> (p. 347). A lei, portanto, possui caráter duplo: define quais comportamentos estão sob controle da agência governamental e dispõe sobre as consequências cabíveis, como a adequação da pena para cada crime, mas também auxilia no contracontrole dos controlados.

**Religião.** O controle religioso é principalmente definido pelo poder da agência em manipular contingências verbais que são utilizadas para fortalecer o papel da agência como um mediador entre os indivíduos e eventos sobrenaturais, tais como a “boa ou má sorte no futuro imediato ou a eterna bem-aventurança ou danação na vida por vir”<sup>40</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 352). Skinner (1953/1965) afirma que “um protótipo de controle religioso surge quando contingências raras ou acidentais são utilizadas para controlar o comportamento dos outros”<sup>41</sup> (p. 351). Isso ocorre pois alguém pode controlar o comportamento dos outros ao associar respostas a eventos acidentais que não foram contingentes a ela. Desse modo, eventos

---

39 Original: specify the composition of the governing agency, the channels through which it receives its power, and the procedures according to which laws are to be made, interpreted and enforced.

40 Original: good or bad luck in the immediate future or eternal blessedness or damnation in the life to come.

41 Original: A prototype of religious control arises when rare or accidental contingencies are used in controlling the behavior of others.

aversivos e reforçadores são utilizados para punir ou reforçar comportamentos desejados pela agência, mesmo a autoridade religiosa não participando do arranjo daquelas contingências. Portanto, “o poder conquistado pela agência religiosa depende da efetividade de certas contingências de reforço verbais”<sup>42</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 353), assim como a lei auxilia no controle governamental.

Em uma forma incipiente de controle religioso, o agente responsabiliza outra pessoa por um acidente devido a alguma resposta de outra pessoa, como ter azar por passar por baixo de uma escada ou passar perto de um gato preto. O evento aversivo, “azar”, é utilizado para reduzir a frequência de comportamentos indesejáveis para a agência, como andar sob escadas ou cruzar com gatos pretos. Existem religiões menos organizadas que, mesmo possuindo um sistema de crença contendo eventos sobrenaturais, declaram não possuir o poder sobre tais eventos, só podendo prescrever quais comportamentos produzem consequências “boas” e quais comportamentos devem ser evitados. Nesse sentido, esses agentes religiosos agem de modo semelhante aos psicoterapeutas e educadores. Outras religiões não guardam nenhuma relação com eventos sobrenaturais e, por isso, são ainda menos organizadas e poderosas do que as mais institucionalizadas. Com filiações mais frouxas, elas são bastante próximas do controle ético do grupo que encorajam um estilo de vida baseado em consequências naturais do comportamento. Em contrapartida, o poder de uma agência religiosa é estendido quando ela afirma ter a capacidade para manipular as contingências sobrenaturais. Um feiticeiro, por exemplo, obtém obediência de seu controlado ao ameaçar maldições se este não seguir seus comandos. O poder de uma religião também depende das práticas controladoras empregadas. Ela pode utilizar práticas características de outras agências, como técnicas de educação no ensino de suas crenças, controle ético ou governamental e poder econômico ao utilizar propriedades e dinheiro para controlar comportamentos (Skinner, 1953/1965).

---

<sup>42</sup> Original: the power achieved by the religious agency depends upon how effectively certain verbal reinforcements are conditioned.

Assim como o governo, a religião trabalha paralelamente ao controle ético do grupo ao suprimir comportamentos egoístas, isto é, que produzem consequências imediatas para o indivíduo em detrimento de consequências positivas para o grupo, e fortalecem comportamentos que beneficiam os outros. Assim como o grupo e outras instituições, que no exercício de seu poder classificam os comportamentos dos indivíduos, a agência religiosa classifica comportamentos como ‘moral’ e ‘imoral’ ou ‘virtuoso’ e ‘pecaminoso’ e utiliza variáveis reforçadoras ou aversivas para consequenciá-los. A promessa do Céu e a ameaça do Inferno são exemplos típicos de eventos sobrenaturais, num suposto pós vida, utilizados para reforçar comportamentos “virtuosos” e punir comportamentos “pecaminosos”. Obviamente, a agência também exerce controle no ambiente “mundano” ao manipular variáveis para reduzir ou aumentar a probabilidade de certos comportamentos. De acordo com Skinner (1953/1965), “condições ambientais relevantes são manipuladas quando, o estímulo que elicia, ou cria a ocasião para o comportamento pecaminoso, são enfraquecidas ou removidas e quando estímulos que eliciam ou servem de ocasião para comportamentos virtuosos são aguçados”<sup>43</sup> (p. 354). Dietas, códigos de vestimenta, rituais, censura de manifestações artísticas contendo estímulos indesejáveis, códigos de conduta para uma vida resguardada são exemplos do arranjo de contingências feitas pelas agências religiosas (Skinner, 1953/1965).

Diferente de outras agências e do controle ético do grupo, a agência religiosa tende a estabelecer contingências menos maleáveis e com critérios mais duradouros, uma vez que justificativas teológicas baseadas em autoridade e “verdades eternas” são utilizadas para explicar suas práticas. Um comportamento indesejado, como a gula, é tido como pecado capital, assim como o voto de pobreza e a valorização da castidade são expressões de virtudes perenes. Em determinadas situações, comer e beber em demasia pode ser restringido pelo controle ético do grupo por prejudicar momentaneamente os outros membros. Por outro lado,

---

43 Original: relevant environmental conditions are manipulated when the stimuli which elicit or set the occasion for sinful behavior are weakened or removed and when the stimuli which elicit or serve as the occasion for virtuous behavior are pointed up.

uma agência religiosa tende a perenizar suas práticas controladoras por utilizar justificativas teológicas, podendo punir comer em demasia em situações que esse comportamento já não apresenta riscos para o grupo. Dessa forma, em muitos casos o controle religioso permite menor sensibilidade às demandas sociais e às novas condições em que o grupo vive, mantendo regras criadas de acordo com um contexto já antigo, discrepante das contingências atuais (Skinner, 1953/1965). A dificuldade em aceitar e discutir o casamento homoafetivo e a legalização do aborto são alguns exemplos da rigidez frente a novas contingências. Skinner (1953/1965) argumenta que as reformas religiosas visam diminuir a aversividade das contingências mantidas pela agência até então e “atualizar” seus princípios, garantindo menos chances de contracontrole por parte dos descontentes, como questionamentos da realidade das contingências postuladas, ataque aos membros controladores ou a criação de uma religião rival.

**Educação.** Educar implica em estabelecer contingências artificiais – como a utilização de medalhas, prêmios, elogios e notas no contexto educacional - para a modelagem de comportamento que será útil para o indivíduo ou para o grupo. Condições especiais são estabelecidas para o surgimento e manutenção do comportamento desejado, para que num futuro consequências não educacionais passem a controlar o comportamento do indivíduo de forma semelhante às condições educacionais. Skinner (1953/1965) enfatiza a importância da educação ser eficaz nessa transição entre contexto artificial e natural, pois a “educação seria supérflua se outras consequências não fossem finalmente vindouras, uma vez que o comportamento do controlado no momento em que está sendo educado é de nenhuma importância particular para ninguém”<sup>44</sup> (p. 403). O comportamento, quando ocorre no contexto educacional, é controlado por consequências artificiais e não apresenta contribuições imediatamente relevantes para o grupo.

---

44 Original: Education would be pointless if other consequences were not to eventually forthcoming, since the behavior of the controllee at the moment whe he is being educated is f no particular importance to any one.

Segundo Skinner (1953/1965), a agência educacional geralmente é igualada aos professores, mas nem sempre é explicitamente encontrada em todas as culturas e em todas as épocas. Isso depende da proporção em que a agência contribui para o fortalecimento das culturas e é conseqüentemente apoiada pelo grupo. Muitas vezes o controle educacional não é unicamente utilizado por uma agência educacional. A família funciona como uma agência educacional, isto é, emprega práticas controladoras visando a aprendizagem de novos repertórios de um indivíduo, quando seus membros ensinam uma criança a andar, falar, brincar e comer. Pais e cuidadores utilizam reforçadores primários e condicionados disponíveis, como comida, bebida, carinho, afeto e aprovação para modelar comportamentos da criança que a tornarão menos dependente e mais apta para ajudar seus familiares em outras atividades. Fora do contexto familiar, o indivíduo continua a ser instruído pelo grupo para maximizar as vantagens para as pessoas, como o caso do artesão que “ensina um aprendiz porque ao fazer isso ele adquire um ajudante útil”<sup>45</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 403).

Segundo Skinner (1953/1965), “a agência educacional não é distinguível pela natureza de suas variáveis, mas pelo uso que é feito delas”<sup>46</sup> (p. 403). O controle econômico é caracterizado pela manipulação de variáveis como o dinheiro, riqueza e propriedade. O autor aponta que há diferença entre o uso do poder econômico para induzir um aprendiz a trabalhar e o uso das mesmas variáveis para induzi-lo a adquirir formas efetivas de comportamento durante um treinamento. A ameaça de punição pode igualmente ser utilizada para ensinar um soldado a lutar efetivamente, em vez de simplesmente mantê-lo no exército. Escolas profissionalizantes ou escolas religiosas são exemplos da utilização de práticas educacionais por agências econômicas e religiosas com o intuito de transmitir suas práticas (Skinner, 1953/1965). Desse modo, é possível a educação estar presente em diversos setores da

---

45 Original: teaches an apprentice because in só doing he acquires a useful helper.

46 Original: The educational agency, then, is not distinguishehd by the nature of its variables but in the use to which they are put.

sociedade sem a necessidade de uma instituição educacional organizada, centralizando todas as atividades educativas.

Como a educação fortalece uma cultura? Uma instituição educacional ou outro subgrupo que exerça tal função instrui aprendizes ao estabelecer repertórios verbais complexos que serão utilizados em situações posteriores. Frente a um problema, o indivíduo emite o comportamento que é chamado de auto-instrução, em que ele mesmo é o ouvinte e o falante, isto é, seu comportamento verbal controla comportamentos não verbais para a resolução de um problema. Em um sentido amplo, considerando que a instituição ensina repertórios que podem afetar outros repertórios do indivíduo, a instituição ensina o estudante a pensar. Skinner (1953/1965) afirma que o pensar é um “repertório especial que tem como efeito a manipulação de variáveis que encoraja o surgimento de soluções para problemas”<sup>47</sup> (p. 411). As instituições educacionais preparam os estudantes para solucionar problemas não só parecidos com as condições de ensino, mas também em novas contingências. Dessa forma, o indivíduo com o repertório de pensar mais estabelecido possivelmente será mais independente, ao ter mais sucesso quando as instruções aprendidas não produzirem efeitos esperados, sendo mais útil ao grupo.

A agência educacional é mantida pelo grupo enquanto produzir aprendizes e indivíduos aptos a lidarem com novas exigências. A educação é mantida numa cultura na medida em que ela a fortaleça. Como profissão, os educadores são mantidos pelo grupo por reforçadores econômicos e generalizados, como elogios e respeito. Entretanto, agências educacionais nem sempre são controladas pelo efeito fortalecedor da cultura como um todo, podendo ser mantida principalmente por uma outra agência ou subgrupo que financia ou libera reforçadores poderosos para a instituição. Nesses casos, a agência educacional estabelece contingências para a modelagem de comportamentos desejáveis para a agência

---

47 Original: a special repertoire which has as its effect the manipulation of variables which encourage the appearance of solutions to problems.

apoiadora e evita o ensino de qualquer repertório que possa se opor aos interesses dessa. Sobre isso Skinner (1953/1965) oferece um exemplo: “escolas mantidas por um governo podem ser requisitadas a aplicarem suas técnicas educacionais em apoio ao governo e evitarem qualquer educação que conflite com as técnicas de controle governamentais ou que ameace as fontes do poder governamental”<sup>48</sup> (p. 411). Caso a educação não beneficie a agência que mantém a agência educacional, o apoio é suspenso e ela pode perecer. Desse modo, a monopolização da educação por agências controladoras pode culminar na extinção do ensino de contracontrole por parte da população, contribuindo para a formação de indivíduos mais aptos a serem explorados. O controle de uma agência educacional por outro subgrupo não é típico da iniciativa privada, como os colégios particulares associados à empresas ou religiões. As instituições públicas também podem ser alvo de controle por grupos econômicos e religiosos, além da própria instituição governamental.

Dada a relação entre a utilidade da agência educacional e os interesses da cultura como um todo ou de outras agências, o contracontrole ocorre tanto externamente, entre as agências, como internamente, entre professores e alunos. Dentro das salas de aula, estudantes passam a contracontrolar na medida em que a agência utiliza práticas aversivas, como o uso de agressão física e violência verbal. Os controlados abandonam a sala de aula, protestam e tumultuam o ambiente educacional. Por essa razão o uso de medidas aversivas no sistema educacional é bastante criticado. Skinner (1953/1965) comenta que a educação progressiva é uma prática alternativa ao uso de contingências punitivas para garantir a efetividade da educação. A educação progressiva leva esse nome pela utilização de reforçadores naturais assim que possível, para controlar os comportamentos aprendidos. Para Skinner (1953/1965), “o reforçador condicionado da agência educacional pode ser mais efetivo ao apontar a

---

48 Original: Schools supported by a government may be asked to apply their educational techniques in supporting the government and to avoid any education which conflicts with governmental techniques of control or threatens the sources of governmental power.



conexão com as contingências naturais a serem encontradas posteriormente”<sup>49</sup> (p. 407). Isto é, a própria educação pode tornar-se reforçadora na medida em que a generalização de comportamentos aprendidos no contexto educacional para outros contextos ocorra facilmente.

**Psicoterapia.** A psicoterapia surge como campo de atuação quando o controle aversivo excessivo ou inconsistente de outras agências, como a religiosa ou governamental, produz efeitos colaterais que são perigosos e indesejáveis para o indivíduo ou para os outros. Depressão, raiva, ansiedade e fobias podem estar associadas a condicionamento respondente ocorrido em ocasiões de punição de comportamentos em contingências estabelecidas por outras agências controladoras ou pelo controle ético do grupo. Tais efeitos colaterais acabam se sobrepondo aos efeitos desejáveis do controle, como o autocontrole do indivíduo e a supressão de comportamentos que produzem consequências aversivas para terceiros. A psicoterapia é uma agência valorizada por amenizar os efeitos colaterais e estabelecer novas relações entre o repertório do indivíduo e as contingências. A prática controladora exercida por essa agência chama-se terapia (Skinner, 1953/1965).

Psicoterapia não é uma agência organizada como o governo, estando mais próxima da agência educacional, ambas mais bem identificadas como profissão. Skinner (1953/1965) afirma que a função da psicoterapia era (e em algumas culturas continua sendo) exercida pela comunidade ou outros agentes controladores, por meio do uso de bons conselhos, provérbios, do folclore e conhecimento popular. A pessoa prescrevia um curso de ação que poderia produzir consequências positivas para quem se encontrava em dificuldade. A atuação do psicoterapeuta, como um profissional, é mantida e reforçada financeiramente e pela apreciação do grupo, ao valorizarem seu conhecimento e a importância do bem-estar dos indivíduos segundo padrões éticos mantidos pela comunidade. O comportamento do próprio

---

<sup>49</sup> Original: The conditioned reinforcers of the educational agency may be made more effective by pointing up the connection with natural contingencies to be encountered later.

terapeuta é reforçado por sua capacidade em alterar condições emocionais (respondentes) e comportamentais (operantes) em quem busca ajuda (Skinner, 1953/1965).

Ansiedade, fobias, incapacidade de agir e o vício em drogas lícitas e ilícitas são algumas das condições aversivas que fazem o paciente buscar psicoterapia. Dessa maneira, o terapeuta tem o potencial de tornar-se uma importante fonte de poder para as pessoas. Segundo Skinner (1953/1965), “o poder inicial do terapeuta como um agente controlador surge pelo fato da condição aversiva em que o paciente se encontra e que qualquer alívio ou promessa de alívio é portanto positivamente reforçador”<sup>50</sup> (p. 369). Além disso, o paciente procura o terapeuta por outras razões, geralmente envolvendo uma cadeia complexa de comportamentos verbais, como a indicação do terapeuta como um bom profissional, seu prestígio no grupo, ou pela observação e relatos de melhora em outros pacientes.

No início da terapia, o poder do terapeuta é baixo, principalmente exercido pelo reforçamento generalizado ou a ausência de punição de respostas que foram suprimidas em outros contextos, como o familiar, escolar ou religioso. Durante esse procedimento, os comportamentos respondentes que acompanham as respostas operantes punidas entram em extinção na medida em que o terapeuta é uma “audiência não punitiva”. O próprio alívio produzido pela diminuição dos respondentes aversivos é reforçador e mantém o indivíduo na terapia.

Os psicoterapeutas utilizam entrevistas e testes para investigar relações funcionais presentes no repertório do cliente, possibilitando a elaboração de um diagnóstico. Probabilidades de resposta, estados de privação e estimulações emocionais podem ser inferidas por meio dessas ferramentas. Na medida em que o terapeuta conhece variáveis dos contextos em que o paciente está inserido, ele pode realizar análises funcionais de seus comportamentos e aconselhar mudanças comportamentais que levarão o paciente a entrar em

---

50 Original: The initial power of the therapist as a controlling agent arises from the fact that the condition of the patient is aversive and that any relief or promise of relief is therefore positively reinforcing.

contato, por exemplo, com contingências de reforçamento positivo ou com contingências de extinção de respostas indesejáveis (Skinner, 1953/1965).

Além de lidar com os efeitos colaterais do controle aversivo estabelecido pelas outras agências e pelo grupo, a psicoterapia pode auxiliar no fortalecimento ou no estabelecimento deste mesmo controle. Os psicoterapeutas podem estabelecer contingências que deveriam ter sido mantidas pelas outras agências, uma vez que elas podem ter sido fracas para controlar os comportamentos de um indivíduo. Skinner (1953/1965) afirma que este é o caso de alguém tipicamente diagnosticado com psicose, pois o controle do grupo e de outras instituições não foi suficiente para modelar respostas adequadas aos padrões dominantes do ambiente social, punir ou extinguir respostas consideradas inadequadas e para estabelecer repertório de autocontrole do indivíduo. Atualmente, é comum o uso da psicoterapia para suplementar o controle de comportamentos desejáveis no contexto escolar, já que a escola muitas vezes encontra-se sem recursos humanos e técnicos para tanto. O uso eticamente questionável de terapias de reversão sexual, como a chamada “cura gay”, também pode ser interpretado como o uso do controle da agência terapêutica em benefício de outras instituições, como a religiosa.

De acordo com Skinner (1953/1965), o terapeuta pode tornar-se um agente de controle aversivo, provocando respostas contracontroladoras no paciente, como a “resistência” na relação terapêutica e o abandono do tratamento. Como forma de contracontrolar o mau uso do poder dos psicoterapeutas, padrões éticos e medidas punitivas são mantidas por grupos de conselho e fiscalização da profissão. Outras agências ou partes do grupo podem estabelecer contracontrole ou competir com a agência psicoterapêutica, caso a mudança comportamental, produto da psicoterapia, contrariar seus interesses e padrões comportamentais estabelecidos.

***Economia.*** Assim como Skinner (1953/1965) abordou as outras agências controladoras, o autor não se preocupou em desvendar razões ou mecanismos internos das agências econômicas e nem abordou as explicações e justificativas típicas dos teóricos da

Economia. Portanto, para o autor, a economia nada mais é que uma reunião de dados gerados por diversas interações entre as pessoas, isto é, de milhões de pessoas em relações de compras e vendas, empréstimos, locações e realização de trabalho. Os dados econômicos, resultados do comportamento nessas interações, mostram a quantidade e características das relações de troca, como quantidade de mercadorias vendidas, média salarial, taxas de juros, riqueza acumulada, entre outros. Dessa forma, Skinner (1953/1965) afirma que o comportamento humano está implícito quando falamos em economia, pois não haveria possibilidades dessas relações serem estabelecidas sem o a sensibilidade ao reforçamento. Afinal, objetos físicos são bens, no sentido de serem valorizados como desejáveis, graças ao efeito reforçador sobre o comportamento humano (Skinner, 1953/1965).

Uma relação econômica baseia-se em um equilíbrio entre vantagens e desvantagens de realizar um trabalho ou pagar por algum serviço ou mercadoria. Skinner (1953/1965) afirma que a aversividade de dispor do dinheiro é compensada pelo reforço obtido pelo serviço ou bem comprado. Segundo o autor, “o ‘valor econômico’ do trabalho ou de outro serviço pessoal diz respeito à combinação entre efeitos reforçadores positivos e negativos”<sup>51</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 392).

Skinner discute a agência controladora econômica abordando alguns exemplos de como o dinheiro ou bens são trocados por outros bens ou pelo trabalho executado por um indivíduo. Há diversas possibilidades de arranjos de contingências no ambiente de trabalho que regulam o pagamento em função do trabalho ou tempo de serviço. Skinner (1953/1965) afirma que “como um exemplo simples de controle econômico, um indivíduo é induzido a trabalhar por meio de reforçamento com dinheiro ou bens. O controlador, como um chefe de

---

51 Original: The ‘economic value’ of labor or other personal services thus has to do with the matching of positive and negative reinforcing effects.

empresa, faz o pagamento de um salário contingente à performance do trabalho”<sup>52</sup> (p. 384). Podemos pensar também que agências econômicas e governamentais podem criar ou aguçar a condição de privação de potenciais trabalhadores, como foi o caso da escravidão ou da expropriação de terras dos camponeses comum há alguns séculos. Retirados da propriedade que gerava sua subsistência ou de seu país originais, os camponeses e escravos tornaram-se mais suscetíveis a trabalharem sob condições extremamente aversivas. Como argumenta Skinner (1953/1965), o controlador possui riqueza para trocar em troca de trabalho e pode utilizar a ameaça de retirar o salário como uma medida aversiva para controlar os empregados.

Os detentores de riquezas são os agentes controladores. Entretanto, o escopo da agência econômica pode variar, como ocorre com as agências religiosas. Skinner afirma que:

O poder para exercer o controle econômico naturalmente reside com aqueles que possuem dinheiro ou os bens necessários. A agência econômica pode consistir em um único indivíduo ou pode ser tão organizada como uma grande indústria, fundação ou até mesmo um governo. Não é tamanho ou estrutura que definem a agência como tal, mas o uso que é feito do controle econômico.<sup>53</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 400)

Assim como o controle educacional, o controle econômico pode ser utilizado por outras instituições e parece estar dissolvido entre várias agências presentes na sociedade. Além dos exemplos citados por Skinner, a aplicação de multas pela agência governamental é um exemplo do uso do controle econômico por outra agência. Como um gangster ou um xamã, que podem ser considerados, respectivamente, agentes governamentais e religiosos, um

---

52 Original: As a simple example of economic control an individual is induced to perform labor through reinforcement with money or goods. The controller makes the payment of a wage contingent upon the performance of work.

53 Original: The power to wield economic control naturally rests with those who possess the necessary money or goods. The economic agency may consist of a single individual, or it may be as highly organized as a large industry, foundation, or even government. It is not size or structure which defines the agency as such, but the use to which the economic control is put.

único indivíduo pode exercer papel de agência econômica para um grupo. Sobre a organização de forma mais complexa da agência econômica, Skinner afirma que:

[. . .] se há alguma agência econômica especial como tal [governo ou religião], ela é composta por aqueles que possuem riqueza e a utilizam em maneiras para preservar ou aumentar essa fonte de poder. Assim como o grupo ético é mantido pela uniformidade do efeito aversivo do comportamento do indivíduo, aqueles que possuem riqueza podem agir juntos para proteger seu patrimônio e para controlar o comportamento daqueles que o ameaçam. Nesse sentido, nós podemos falar em uma agência econômica ampla chamada “capital”.<sup>54</sup> (Skinner, 1953/1965, p.400)

O contracontrole por parte dos controlados e de outras agências visa justamente diminuir essa possível concentração de poder econômico. Tradições religiosas presentes em vários grupos fomentam a classificação do excesso de riqueza como ruim e a caridade como boa. O governo e outras entidades atuam propondo limites por meio de contratos e leis, apontando para uma gama de comportamentos adequados que podem ser remunerados e criminalizando outros, como a prostituição e o trabalho infantil. Práticas econômicas como taxações, estipulações de tetos ou pisos salariais e embargos também visam regular certas transações – as relações de venda ou de trabalho (Skinner, 1953/1965). O efeito do contracontrole visa “alterar o balanço entre aqueles que possuem o trabalho ou bens e aqueles que possuem dinheiro; assim, elas [tecnicas de contracontrole] alteram a frequência com que certas transações econômicas ocorrem”<sup>55</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 401). Geralmente, o efeito obtido é a redução das possibilidades dos possuidores de riqueza para controlar os outros, evitando práticas com elevados graus de exploração de trabalho e recursos.

---

54 Original: If there is any special economic agency as such, it is composed of those who possess wealth and use it in such a way as to preserve or increase this source of power. Just as the ethical group is held together by the uniformity of the aversive effect of the behavior of the individual, só those who possess wealth may act together to protect wealth and to control the behavior of those who threaten it. To that extent we may speak of the broad economic agency called ‘capital’.

55 Original: Alter the balance between those possessing labor or goods and those possessing money; hence they alter the frequency with which certain kinds of economic transaction take place.

### **Práticas controladoras como práticas culturais.**

Cada instituição, ou agências de controle, analisada por Skinner (1953/965) apresenta práticas controladoras ou usos de variáveis bastante característicos. Uma agência econômica, como um banco, detém riquezas e é definida por suas práticas de cobrar juros, emprestar dinheiro, prestar serviços financeiros, etc. Uma agência religiosa geralmente é composta por práticas como rituais, leituras de livros sagrados, e o controle de comportamento por meio de recompensas e ameaças sobrenaturais. Entretanto, pode-se questionar por qual razão Skinner (1953/1965) chamou as práticas das instituições de práticas controladoras, e qual sua relação com práticas culturais. Skinner (1987), ao afirmar que “instituições [governos, religiões e sistemas capitalistas] são a *personificação de práticas culturais* que passaram a existir por meio da seleção, mas as contingências de seleção estão em conflito com o futuro da espécie humana”<sup>56</sup> (p.7, *italico adicionado*), indica que as agências são “cristalizações”, a concentração em um setor do grupo, de determinadas práticas culturais. Desse modo, o autor manteve seu interesse pelas práticas culturais de um grupo quando abordou as práticas controladoras das agências. Tomadas como personificação de práticas culturais, as agências indicam a presença de práticas culturais institucionalizadas, permeadas por relações de estratificação e diferença de poder. Práticas controladoras são práticas culturais como qualquer outra, pois são selecionadas por seu efeito sobre o grupo praticante (os agentes controladores), transmitidas entre gerações e estão abundantemente presentes em determinadas culturas, ao ponto de certas religiões, governos ou sistemas econômicos confundirem-se com a própria cultura (quando falamos em culturas ou povos católicos, hinduístas, socialistas ou capitalistas).

Há uma concepção menos explorada nos textos de Skinner que corrobora a conceituação das práticas controladoras como prática cultural: a agência controladora como

---

56 Original: those institutions are the embodiments of cultural practices that have come into existence through selection, but the contingencies of selection are in conflict with the future of the human species.

uma tecnologia comportamental (Skinner, 1972). Assim como o desenvolvimento da chamada tecnologia física, produtos das engenharias, das ciências biológicas e químicas, o autor defende que as práticas controladoras estão suscetíveis à transmissão ou ao abandono pelo grupo praticante. Para Skinner (1972), “os homens descobriram maneiras melhores não somente para tingir um tecido ou construir uma ponte, mas para governar, ensinar e contratar empregados”<sup>57</sup> (p. 47). Assim, agências controladoras, como um conjunto de práticas, encontram-se nas “maneiras e costumes” (Skinner, 1953/1965) ou “estilo de vida” (Skinner, 1969) de determinadas culturas. Entretanto, diferente das tecnologias físicas, as tecnologias comportamentais de controle foram mantidas por justificativas julgadas por Skinner como espúrias. Práticas religiosas e de governo foram mantidas pelo “pulso firme” de autoridades militares e divinas, assim como a psicoterapia e a educação são tradicionalmente vistas como instituições que exaltam entidades abstratas como a sabedoria e a saúde (Skinner, 1972). Ilustrando a diferença entre os dois tipos de tecnologias, Skinner diz que “a roda não foi propagada pela espada ou por promessas de salvação – ela fez seu próprio caminho”<sup>58</sup> (p. 48). A roda, como tecnologia física, foi utilizada e transmitida pelo seu efeito intrínseco, ou seja, pela sua utilidade natural nos contextos em que ela foi empregada. Por exemplo, rodas utilizadas em máquinas são mais eficientes para permitir movimento do que peças quadradas ou de outros formatos. Práticas controladoras, por outro lado, foram transmitidas principalmente com a utilização de outras contingências gerenciadas pelos controladores, como o uso da autoridade e violência (Skinner, 1972). Isso provavelmente ocorre por se tratar de práticas que mantêm o privilégio de um grupo de pessoas, principalmente nas agências governamentais, religiosas e econômicas. As justificativas espúrias, ou seja, que consistem em argumentos de autoridade ou ameaça, são utilizadas para dificultar o exame das práticas controladoras por parte dos controlados. Como Skinner (1987) explicitou, as agências

---

57 Original: Men have found better ways, not only to dye a cloth or build a bridge, but to govern, teach, and employ.

58 Original: The wheel was not propagated by the sword or by promises of salvation – it made its own way.



controladoras controlam grande parte das variáveis do cotidiano dos indivíduos para o seu próprio engrandecimento e abrir mão desse poder parece não ser concebível.

### **O papel das agências controladoras na sobrevivência das culturas.**

A seleção por consequências pode explicar a variação e seleção de características anatômicas e comportamentos inatos na evolução filogenética, de comportamentos operantes na evolução ontogenética e de práticas culturais na evolução cultural. Uma cultura, assim como uma espécie, pode permanecer inalterada por um grande período de tempo. Pressupõe-se que isso se deve ou pela falta de variações, não havendo novas práticas, ou porque as práticas não estão sendo selecionadas por não promoverem o sucesso na resolução de problemas para o grupo (Skinner, 1953/1965, 1981/1984). Sobre isso, Skinner argumenta:

Por que as pessoas continuam a fazer coisas da mesma maneira por muitos anos e por que grupos de pessoas continuam a observar antigas práticas por séculos? A resposta é presumidamente a mesma: Ou novas variações (novas formas de comportamento ou novas práticas) não apareceram ou aquelas que apareceram não foram selecionadas pelas contingências predominantes (de reforçamento ou de sobrevivência do grupo). Nos três níveis, uma mudança súbita, possivelmente extensa, é explicada por novas variações selecionadas pelas contingências predominantes ou contingências novas. Competição com outras espécies, pessoas ou culturas podem ou não estar envolvida. Restrições estruturais também podem ter um papel nos três níveis<sup>59</sup>. (Skinner, 1981/1984, pp. 478-479)

Contingências predominantes e restrições estruturais podem impedir a seleção de novas mutações genéticas, novos comportamentos ou de novas práticas culturais. Restrições do clima, da vegetação e de outras características do habitat podem limitar o crescimento e a evolução de uma espécie. Os limites da estrutura corporal e de nosso tempo de vida, assim como certas características presentes no contexto social, impedem alguns tipos aprendizagem.

---

59 Original: Why do people continue to do things in the same way for many years, and why do groups of people continue to observe old practices for centuries? The answers are presumably the same: Either new variations (new forms of behavior or new practices) have not appeared or those which have appeared have not been selected by the prevailing contingencies (of reinforcement or of the survival of the group). At all three levels a sudden, possibly extensive, change is explained as due to new variations selected by prevailing contingencies or to new contingencies. Competition with other species, persons, or cultures may or may not be involved. Structural constraints may also play a part at all three levels.

Como afirma Skinner (1971/2002), além do isolamento geográfico, a segregação racial pode limitar uma cultura, na medida em que a transmissão de práticas culturais entre determinados grupos é impedida. Nessas sociedades, certos cargos de trabalho, a circulação no ambiente público e acesso às atividades educativas e culturais são negadas a uma parcela de pessoas. Portanto, limites físicos não são as únicas restrições que uma cultura pode sofrer. Nesse caso, práticas segregadoras solucionam quais problemas para seus praticantes? Quem são esses praticantes? Quem instituiu a segregação?

Dentre as limitações para a transmissão de práticas culturais, Skinner (1971/2002) menciona que “uma agência controladora ou sistema dominante pode manter um conjunto de práticas culturais”<sup>60</sup> (p. 132). Na esteira dessa afirmação, o autor diz que uma cultura democrática pode ser vista como um ambiente social com presença de práticas governamentais, éticas, religiosas e econômicas compatíveis e próprias desse tipo de cultura. Uma cultura dominante cristã pode sugerir um forte controle religioso, assim como uma cultura capitalista indicaria um conjunto dominante de práticas econômicas. Segundo esse argumento, poderíamos considerar as agências controladoras como uma restrição estrutural para a mudança de uma cultura, tal como restrições geográficas.

As agências de controle mais poderosas, como nos exemplos citados, parecem exercer uma tentativa de restringir ou “filtrar” quais práticas culturais serão transmitidas, uma vez que práticas coerentes com o ambiente social hegemônico possivelmente seriam encorajadas e práticas incompatíveis seriam desencorajadas. Se a seleção de práticas é permeada pela presença de agências controladoras no ambiente social, a seleção ocorreria, na pior das hipóteses, de acordo com consequências reforçadoras para os indivíduos controladores, a despeito de efeitos negativos para outros membros da cultura.

---

60 Original: A dominant controlling agency or system may hold a set of practices together.

Considerar as práticas controladoras como práticas culturais permite a identificação mais nítida da relação entre agências e culturas. Agências atuam na “manipulação de pequenas partes do ambiente social”<sup>61</sup> (Skinner, 1953/1965, p. 427), isto é, da cultura, quando introduzem novas práticas. A promulgação de uma lei pelo governo geralmente estabelece uma nova prática cultural, assim como instituições de ensino modificam seus programas curriculares e determinam quais comportamentos serão modelados e quais problemas da cultura devem ser abordados. A divulgação de livros sobre cuidado infantil e novas técnicas de psicoterapia visam alterar as práticas de cuidado entre as pessoas no ambiente social (Skinner, 1953/1965). Ao manipular essas partes do ambiente social, as instituições podem atuar como restrições estruturais no terceiro nível de seleção (Skinner, 1981): elas alteram as condições para o surgimento de novas práticas, fomentando ou não a variabilidade comportamental, e as condições que atuam na seleção e transmissão de determinadas práticas.

Práticas culturais relacionadas ao fumo foram analisadas por Biglan (1995), com o intuito de mostrar o dinamismo entre as agências controladoras e sua influência nas práticas de uma cultura. A fabricação, divulgação, distribuição e consumo de produtos derivados do tabaco são relevantes por seu impacto na saúde pública de um país. Centenas de milhares de pessoas, fumantes e não fumantes, morrem por doenças relacionadas ao consumo de cigarro, como o câncer de pulmão e doenças cardíacas. (Biglan, 1995).

Segundo Biglan (1995), a indústria do tabaco é um termo guarda-chuva que envolve os fazendeiros que cultivam tabaco e organizações que fabricam e distribuem cigarros. Como todo ano há um grande número de fumantes que morrem ou que deixam de fumar, as companhias de cigarro recorrem a algumas técnicas para aumentar continuamente o número de consumidores. Isto é, a prática cultural de fumar cigarros torna-se mais forte ou mais franca em uma cultura na medida em que as pessoas param ou começam a fumar.

---

61 Original: manipulation of small parts of the social environment.

A publicidade voltada ao público jovem, inclusive para consumidores menores de idade, foi responsável pelo retorno de uma quantia que ultrapassou a marca de um bilhão de dólares nos Estados Unidos (Biglan, 1995). A criação de personagens simpáticos para a televisão, anúncios impressos e animações foi uma das estratégias empregadas para atingir esse público-alvo. A personagem Joe Camel, criado pela marca de cigarros Camel, foi montada para agradar o público jovem e antissocial. Nas palavras de Biglan (1995), “Joe é retratado como durão, um apostador independente que é bem-sucedido com as mulheres”<sup>62</sup> (p. 218). Uma empresa concorrente criou outro personagem, o Homem Marlboro. “Ao associar Marlboros com independência áspera, a Companhia Philip Morris atrai pessoas jovens que desejam essa autoimagem; eles podem experienciá-la simplesmente fumando Marlboros – desde que a publicidade mantenha a ilusão”<sup>63</sup> (p. 218).

Com o advento da regulamentação que dificultou as propagandas de seus produtos, fruto da pressão de outros setores sociais sobre o governo, as companhias de cigarro passaram a patrocinar eventos esportivos, musicais e até mesmo hospitalares. Revistas sobre saúde que cedem espaço de propaganda para empresas de cigarro apresentam muito menos artigos sobre os malefícios do cigarro. Mesmo com as regulamentações, o governo foi um aliado das empresas de cigarro. Em diálogo com a esfera governamental, a indústria do tabaco realizava um poderoso lobby para o governo permitir maior abertura para a promoção e propagação de seus produtos, como o apoio para a venda de cigarros para outros países, como a Tailândia.

Portanto, Biglan (1995) afirma que “as companhias de tabaco são bem organizadas, ricas e altamente motivadas para concentrar suas influências para conquistar políticas favoráveis”<sup>64</sup> (p. 223). Elas podem ser consideradas agências controladoras econômicas, uma

---

62 Original: Joe is depicted as a tough, independent gambler who is succesful with woman.

63 Original: By associating Marlboros with rugged independence, Phillip Morris Company attracts young people who desire this self-image; they can experience it simply by smoking Marlboros – as long as advertising can maintain the illusion.

64 Original: The tobacco companies are well organized, well funded, and highly motivated to concentrate their influence to achieve favorable policies.

vez que detêm uma forte concentração de poder na produção e venda de produtos derivado do tabaco, e por isso, detêm ampla riqueza para influenciar organizações como um governo ou agências de propaganda. A relação entre a indústria do tabaco, governo e mídia mostra a dinâmica de competição e sobreposição entre as agências, comentadas por Skinner (1953/1965, 1971/2002). Além disso, as ações tomadas em interesse da indústria de tabaco revelam a manipulação de contingências no ambiente social para a manutenção de uma miríade de práticas, como o consumo de cigarros, sua divulgação em espaços publicitários, o lobby, entre outros.

Segundo Skinner (1971/2002), práticas culturais podem fortalecer ou enfraquecer uma cultura. O autor afirma que "uma cultura é provavelmente mais forte se induz seus membros a manter um ambiente saudável e seguro, se provê cuidado médico e mantém a densidade populacional apropriada aos recursos e espaço"<sup>65</sup> (p. 152). A força de uma cultura também pode ser medida pelo grau em que ela incentiva seus membros a trabalharem para o bem-estar de todos e pela qualidade da aprendizagem de seus membros. Uma prática que permita aumento no cultivo de alimentos ou um modo mais eficiente de educação fortalecem uma cultura, na medida em que ela terá menos pessoas famintas e mais pessoas instruídas, capazes de realizar mais atividades e transmitir outras práticas. Entretanto, pode-se constatar que existem práticas, algumas delas típicas das agências controladoras, que enfraquecem a cultura, ao diminuir a saúde e educação da população e as possibilidades de extração e consumo de recursos de maneira ecologicamente responsáveis. Segundo tais critérios de força ou fraqueza das culturas, a análise de Biglan (1995) revela como grandes corporações e seus interesses financeiros podem afetar extensivamente as práticas de uma cultura.

Uma cultura que tem a presença marcante de uma agência governamental pode ser mais afetada pelas práticas dessa instituição. Se tais práticas não favorecem a saúde, a

---

65 Original: A culture is presumably stronger if it induces its members to maintain a safe and healthful environment, to provide medical care, and to maintain a population density appropriate to its resources and space.

educação, o meio-ambiente e o bem-estar dos membros da cultura, ela não contribui para o fortalecimento da cultura e pode até atuar como uma restrição estrutural para o surgimento e seleção de novas práticas que poderiam contribuir para o aumento da educação, saúde e segurança da população. Ao controlarem variáveis do ambiente social, as agências podem manter contingências punitivas para inventores que ousam promover práticas que sejam concorrentes com as práticas vigentes das instituições. Portanto, as agências controladoras influenciam os caminhos da evolução cultural na medida em que ela contribui para a força ou fraqueza, e por consequência nas suas possibilidades de sobrevivência, de uma ou de várias culturas.

### **Contingências institucionalizadas e controle face a face.**

Ao longo de sua obra, Skinner criticou as instituições e mostrou-se bastante cético quanto à possibilidade delas contribuírem para a construção de um mundo melhor (Skinner, 1948/1976, 1978). No artigo *Human behavior and democracy*, Skinner (1978), deixa claro as diferenças entre as contingências mantidas pelas agências controladoras e as contingências mantidas por pessoas, de forma não institucionalizada. Relações de governo, por exemplo, são marcadas principalmente por medidas coercitivas, sendo a obediência compelida pela autoridade. O poder nas mãos de um governador ou de uma agência está sujeito a ser utilizado para outros fins que não o bem do grupo ou das culturas, mesmo quando temos o contracontrole organizado pela população para equilibrar o uso de poder, como o caso de uma democracia. Skinner (1978) afirma que a “concentração de poder em uma agência é questionável não somente porque ela é caracteristicamente mal utilizada e desperdiçada, mas porque destrói contatos interpessoais”<sup>66</sup> (p. 9). Portanto, o cerne do argumento skinneriano é a crítica às relações institucionalizadas e a defesa ao contato direto entre as pessoas, ou seja, o controle face a face.

---

<sup>66</sup> Original: Concentration of power in an agency is objectionable not only because it is characteristically misused and wasted but because it destroys interpersonal contacts.

A concentração de poder em agências controladoras parece ser incompatível com um governo democrático, no sentido de ser um governo das pessoas, para as pessoas e pelas pessoas. Como o comportamento humano é inerentemente controlado pelo ambiente, as pessoas se controlam em um ambiente social. Entretanto, com a presença de contingências institucionalizadas, reforçadores intrínsecos de uma série de respostas são enfraquecidos, sendo que reforçadores artificiais passam a controlar tais respostas. Skinner (1978) oferece alguns exemplos que ilustram o caso. Se um indivíduo que trabalha em uma empresa que produz sapatos precisa de camisa, enquanto outro indivíduo trabalha em uma empresa que produz camisas e precisa de um par de sapatos, ambos terão seus produtos disponíveis no mercado e obterão o que precisam por meio do dinheiro. Entretanto, como aponta Skinner (1978), foi perdida uma oportunidade de reforçar naturalmente o comportamento de cada indivíduo. O fazer sapatos poderia ter sido reforçado pela troca por uma camisa, em vez de um salário ou outro reforçador artificial. Outro exemplo diz respeito ao contato entre vizinhos. Em uma situação na qual um vizinho perturba o outro, há a possibilidade do próprio vizinho expor as consequências negativas naturalmente produzidas pelo seu próximo. Porém, costuma-se chamar a polícia e o poder aversivo é concentrado por uma instituição.

Skinner (1978) apresenta uma antiga compreensão do ambiente social, na qual ele era dividido entre política (o governo e seu uso de controle aversivo), economia (produção e troca de bens) e cultura (outras contingências mantidas pelo grupo, como práticas familiares, artísticas e religiosas). Segundo essa antiga concepção, a cultura significava “as contingências sociais não mantidas por agências centralizadas”<sup>67</sup> (p. 9). Torna-se mais claro que as práticas culturais derivadas do controle direto entre as pessoas são mais características de um governo democrático, ou seja, das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas. Tal postura de Skinner já foi interpretada como próxima da filosofia anarquista, ou de um tipo de democracia

---

67 Original: the social contingencies not maintained by centralized agencies.

anarquista, um modelo mais participativo que representativo (Abib, 2015; Lopes, Laurenti & Abib, 2018).

Skinner (1978) não defendia a total abolição das instituições, pois parece inconcebível que grupos grandes consigam abrir mão da institucionalização de algumas contingências sociais. Entretanto, o autor propõe que o controle face a face seja fortalecido segundo alguns princípios, “tais como substituir, no âmbito das relações interpessoais, o controle aversivo por reforçamento positivo, evitar o uso de reforçadores artificiais, bem como das regras, e assim por diante” (Lopes, Laurenti & Abib, 2018, p.137). É preciso não confundir evitar o uso de regras e de reforçadores artificiais com diminuir práticas educativas, que são principalmente pautadas pelo uso de regras e reforçadores artificiais para o ensino de novos repertórios. Em outros contextos, todavia, regras e reforçadores artificiais dificultam o contato com as consequências intrínsecas que o comportamento produz, afastando as ações das pessoas das consequências produzidas nas outras.

A descrença nas instituições também apresenta-se quando Skinner (1987) propõe que mudanças culturais sejam realizadas por um tipo de “quarto poder”, composto por pessoas descomprometidas com as agências controladoras. Seriam eles jornalistas, cientistas, escritores e acadêmicos que, por estarem desvinculados dos governos, religiões e sistemas econômicos, poderiam considerar o futuro remoto das culturas. Nesse sentido, os descomprometidos pretendem mostrar as consequências das práticas controladoras utilizadas pelas agências, já que estas estão comprometidas com a própria sobrevivência, a despeito delas interferirem nas chances de colapso das culturas.

### **Considerações Finais**

Frente a debates na literatura que apontam para a necessidade dos analistas do comportamento ampliarem o escopo de suas análises, considerando o contexto social e a transmissão das práticas culturais, a pesquisa visou investigar a participação das agências



controladoras na evolução das culturas. Para tanto, discutiu-se as culturas como ambiente social, isto é, conjunto de contingências sociais, mantido por um grupo. Esse ambiente social acaba por determinar as maneiras e costumes dos membros de uma cultura, criando práticas culturais bastante características. Certa parte desse ambiente social diz respeito às contingências institucionalizadas mantidas por agências controladoras.

As instituições participam da evolução cultural tanto para fortalecer ou enfraquecer uma cultura. Como obstáculo para a variação e seleção de novas práticas culturais, apontou-se que as agências controladoras podem ser consideradas restrições estruturais no terceiro nível de seleção, pois elas agem para a manutenção das contingências predominantes que as beneficiam. Tais agências não se limitam à uma organização formal e altamente organizada, pois mesmo indivíduos e categorias profissionais podem ser considerados agências controladoras. Desse modo, Skinner permitiu maior possibilidades de identificarmos relações de poder (entre controladores e controlados) permeando nossa sociedade. Gangsters, religiões, bancos, manicômios, escolas, políticos, militares e terapeutas são partes de uma rede de interações sociais que compõe o conjunto de contingências de uma cultura.

Outra contribuição importante foi a definição das agências controladoras como práticas culturais, estando sujeitas aos mesmos processos de variação, seleção e transmissão que qualquer outra prática de um grupo. Vistas como práticas culturais, seus usos para a resolução de problemas de uma parcela mais poderosa do grupo tornaram-se mais evidentes, corroborando as denúncias de Skinner (1971/2002; 1978, 1987) e Holland (1974/2016) sobre o abuso de poder das agências e a perpetuação da desigualdade social. Por que uma prática que produz uma série de malefícios ainda é mantida em uma cultura, como a corrupção política? Quais são os problemas solucionados para os praticantes? As investigações conceituais desta pesquisa apotam para possibilidades de abordarmos tais questões segundo o Behaviorismo Radical.

Por fim, abordou-se uma possível postura política anarquista de Skinner, como recentemente explorados por Abib (2015) e Lopes, Laurenti e Abib (2018). Tal postura revelou-se coerente com o desenvolvimento teórico do principal autor do Behaviorismo Radical, uma vez que o ceticismo em relação à concentração de poder nas mãos do governo ou de outras agências relaciona-se com a maneira que Skinner enxergou o papel das instituições na evolução das culturas. Espera-se que as discussões presentes neste estudo sirvam de incentivo aos analistas comportamentais pesquisarem mais sobre contexto social e cultural do comportamento humano, levando em conta as possíveis relações de poder entre as pessoas.

## Referências

- Abib, J. A. D. (1996). Epistemologia, transdisciplinariedade e método. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, n. 12, 219-229.
- Abib, J. A. D. (2015). Skinner, democracia e anarquia In Laurenti, C. & Lopes, C. (2015) *Cultura, Democracia e Ética: Reflexões Comportamentalista*. Maringá, Paraná: Eduem.
- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Revista Perspectivas*, 2(2), 203-217.
- Andery, M. A., Pereira, M. E. M., & Wang, M. L. (2016). Mídia, comportamento e cultura. *Revista Perspectiva*, 7(2), 147-164.
- Bandini, C. S. M. (2008). *A geratividade do comportamento verbal: divergências entre as propostas de B. F. Skinner e N. Chomsky*. (Tese de doutorado em ciências humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Biglan, A. (1995). *Changing Cultural Practices: A Contextualist Framework for Intervention Research*. Reno, NV: Context Press.
- Dittrich, A. (2004). Behaviorismo radical, ética e política: aspectos teóricos do compromisso social. (Tese de doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Dittrich, A. (2008). Sobrevivência ou colapso? B. F. Skinner, J. M. Diamond e o destino das culturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 252-260.
- Fernandes, D. M.; Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamentalia*, 25 (2), 265-280.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27(2), 133-151

- Guerin, B. (1994) *Analyzing Social Behavior: behavior analysis and the social sciences*. Reno, N.V.: Context Press.
- Harris, M. (1978). *Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Harris, M. (2007). Cultural materialism and behavior analysis: common problems and radical solutions. *The Behavior Analyst*, 30(1), 37–47.
- Holland, J. (1974/2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 17 (número especial), 104-117.
- Holland, J. (1978). Behaviorism: part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(1), 163-174.
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In Araujo, S. F., Laurenti, C., & Lopes, C. E. (Orgs) *Pesquisa Teórica em Psicologia: Aspectos Filosóficos e Metodológicos* (pp. 41-69). São Paulo, SP: Hografe CETEPP.
- Leugi, G. B. (2012). *A perspectiva de uma antropologia behaviorista radical: cultura, variação, seleção e transmissão*. (Dissertação de mestrado em ciências humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2018). *Conversas Pragmatistas Sobre Comportamentalismo Radical*. 2º edição. Curitiba, Paraná: Editora CRV.
- Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: a call for cultural analysis. *The Behavior Analyst*, 9(1), 1-17.
- Melo, C. M. (2008). *A concepção de homem no Behaviorismo Radical e suas implicações para a tecnologia do comportamento*. (Tese de Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

- Melo, M. C., & de Rose, J. C. C. (2013). The concept of culture in skinnerian radical behaviorism: debates and controversies. *European Journal of Behavior Analysis*, 14(2), 321-328.
- Oliveira, P. Q. (2014). Sobre Tatos Metafóricos na Obra de B. F. Skinner. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós Graduação em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Pilger, J. (2003). *The new rulers of the world*. London, UK: Verso.
- Prilleltensky, I. (1994). On the social legacy of B. F. Skinner: rhetoric of change, philosophy of adjustment. *Theory & Psychology*, 4(1), 125-137.
- Skinner, B. F. (1948/1976). *Walden Two*. New York, N.Y.: Macmillan Publishing Co.
- Skinner, B. F. (1953/1965). *Science and human behavior*. New York, NY: Free Press.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of Reinforcement: a theoretical analysis*. New York, N.Y.: Appleton Century Crofts
- Skinner, B. F. (1971/2002). *Beyond Freedom and Dignity*. Indianapolis, IN: Hackett Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1972). *Cumulative Record*, Third edition. New York: N. Y.: Appleton Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1978). Human behavior and democracy In B. F. Skinner, *Reflections On Behaviorism and Society* (pp.3-15). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall Inc.
- Skinner, B. F. (1981/1984). Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 477-510.
- Skinner, B. F. (1987). Why we are not acting to save the world. In B. F. Skinner, *Upon Further Reflections* (pp. 1-14). New Jersey, N.J.: Prentice Hall Inc.
- Zilio, D. (2016). Selecionism, metáforas e práticas culturais: haveria um terceiro tipo de seleção no nível cultural? *Interação em Psicologia*, 20 (3), 268-278.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

Exemplo da utilização do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto

### Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto

12 e 13 de setembro de 2017

Skinner, B. F. (1971/2002) The evolution of a culture In Skinner, B. F. *Beyond Freedom and Dignity* (pp. 127-144), Indianapolis, IN: Hackett Publishing Company.

#### PRIMEIRA ETAPA (CONCEITOS):

**Cultura:** “conjunto de contingências de reforçamento arranjadas por outras pessoas” (p. 127)  
Cultura, como ambiente disposto por outras pessoas, afeta uma criança que nasce e torna-se um indivíduo.

“Uma cultura é um conjunto de práticas, mas não é um conjunto que não pode ser misturado com outros conjuntos” (p.131)

**Evolução cultural:** Mudanças nas contingências culturais que podem favorecer o fortalecimento ou o enfraquecimento da cultura. Na página 129.

**Seleção cultural:** “Uma cultura, como uma espécie, é selecionada por sua adaptação ao ambiente: na medida em que ela ajuda seus membros a conseguir o que eles precisam e evitar o que é perigoso, ela os ajuda a sobreviverem e transmitir a cultura” (p. 129)

#### SEGUNDA ETAPA (TESES E CRÍTICAS):

**TT1 Conceção da antropologia tradicional de cultura:** “O núcleo essencial da cultura consiste em suas ideais tradicionais e especialmente em seus valores associados” (p. 127).

**C1:** Não é possível observar os valores e as ideias de uma cultura. “Eles observam como as pessoas vivem, como elas criam seus filhos, coletam ou cultivam alimentos, em quais tipos de abrigos eles moram, o que eles vestem, quais jogos eles jogam, como eles se tratam, como eles se governam e assim por diante” (p. 127).

**TA1 Ideias e valores típicos de um povo são comportamentais:** Devemos nos voltar para as contingências que geram esses comportamentos tidos como os costumes de um povo. Os comportamentos gerados pelas contingências são as ideias e os reforçadores são os valores. Nas páginas 127-128.

**Haveria distinção ou prioridade na análise cultural entre comportamentos (costumes) e contingências que os geram (cultura)? Skinner parece enfatizar as contingências e não os**

comportamentos. Em que medida podemos separar uma coisa da outra? Talvez se contingência for entendida como contexto, como relação entre eventos, impedindo de tomarmos os costume/resposta como eventos isolados.

**TA2 Relação de interação entre cultura e indivíduo:** “Uma pessoa não é somente exposta às contingências que constituem uma cultura, ele ajuda a mantê-las, e na medida em que as contingências o induzem a fazer isso a cultura é autopetuardora” (p. 128).

**TA3: Identificando a cultura:** “Nós tendemos a associar uma cultura com um grupo de pessoas. Pessoas são mais fáceis de observar do que seus comportamentos, e comportamentos são mais fáceis de serem vistos do que as contingências que os geram.” (p.131) “Somente na medida em que nós identificamos uma cultura com as pessoas que a praticam podemos falar de um ‘membro da cultura’” (p. 131)

“[...] o ambiente social que é uma cultura é frequentemente difícil de identificar. Está constantemente mudando, carece de substância, e é facilmente confundido com as pessoas que mantém o ambiente e são afetadas por ele.” (p.132)

**TA4 Evolução/seleção/sobrevivência da cultura - uma cultura nunca é estática:** “Um dado conjunto de valores pode explicar porque uma cultura funciona, possivelmente sem muitas mudanças por um longo período; mas nenhuma cultura está em permanente equilíbrio. Contingências necessariamente mudam” (p. 128) Na sequência, Skinner lista uma série de exemplos de mudanças de contingências físicas e sociais.

“Resumidamente, a cultura pode tornar-se mais forte ou mais fraca, e poderíamos prever se ela irá sobreviver ou perecer. A sobrevivência da cultura, então, emerge como um novo valor para ser levado em conta além dos bens pessoais e sociais” (p.129)

O que seria esse “mais forte” ou “mais fraca”? Respeitando a analogia proposta por Skinner, existiriam espécies fracas e fortes? Semelhante à probabilidade da resposta? Parece referir-se às condições últimas de sobrevivência. Mais forte se, no limite, permitir maiores chances de sobrevivência e mais fraca se diminuir as mesmas chances.

Numa comparação com a evolução biológica, a cultura corresponderia a espécie. “Uma cultura corresponde a uma espécie. Nós a descrevemos listando muito de suas práticas, assim como descrevemos uma espécie listando muito de suas características anatômicas. Duas ou mais culturas podem compartilhar uma prática, assim como duas ou mais espécies podem compartilhar uma característica anatômica. As práticas de uma cultura, como as características de uma espécie, são carregadas pelos seus membros, que as transmitem para outros membros. De modo geral, quanto maior o número de indivíduos carregando uma espécie ou cultura, maiores as chances de sobrevivência.” (p. 129)



“Novas práticas correspondem a mutações genéticas. Uma nova prática poderá enfraquecer uma cultura – por exemplo, conduzindo a um consumo desnecessário de recursos ou prejudicando a saúde de seus membros – ou fortalecê-la – por exemplo, ajudando seus membros a fazer um uso mais efetivo dos recursos ou melhorando sua saúde.” (p.130)

Enfraquecer ou fortalecer em qual sentido? De sobrevivência em longo prazo? Dependendo do que seria fortalecer e enfraquecer, o consumo excessivo de recursos poderia fortalecer a cultura em algum sentido. Sempre minha inquietação: porque novas tecnologias e maneiras melhores de agir para a sobrevivência da humanidade não são selecionadas em larga escala, como fontes alternativas de energia e o convívio sem guerras? Assim como fumar cigarro, parece que há práticas culturais que são mantidas a despeito de algumas consequências aversivas. Para mim, talvez seria interessante e esclarecedor traçar um paralelo entre cultura e práticas culturais e indivíduo e comportamentos. Comportamentos são reforçados com certa independência de outros repertórios e da sobrevivência indivíduo, como um vício em drogas que leva à morte. Práticas culturais poderiam sobreviver caso ajude membros específicos da cultura, não ela como um todo.

“Uma cultura evolui quando novas práticas promovem a sobrevivência daqueles que as praticam” (p. 134)

“Uma cultura sobrevive se aqueles que a carregam sobrevivem” (p. 135) Afirmção parece entrar em contradição com a crítica feita ao Darwinismo Social. Uma cultura, ou práticas culturais, parece depender da sobrevivência dos indivíduos.

Uma cultura sobreviver significa ser praticada e transmitida. Sobrevivência = transmissão? Haveria diferença em sobrevivência da cultura e das práticas? Para Dittrich parece que sim: algumas práticas mudam às vezes para garantir a sobrevivência da cultura.

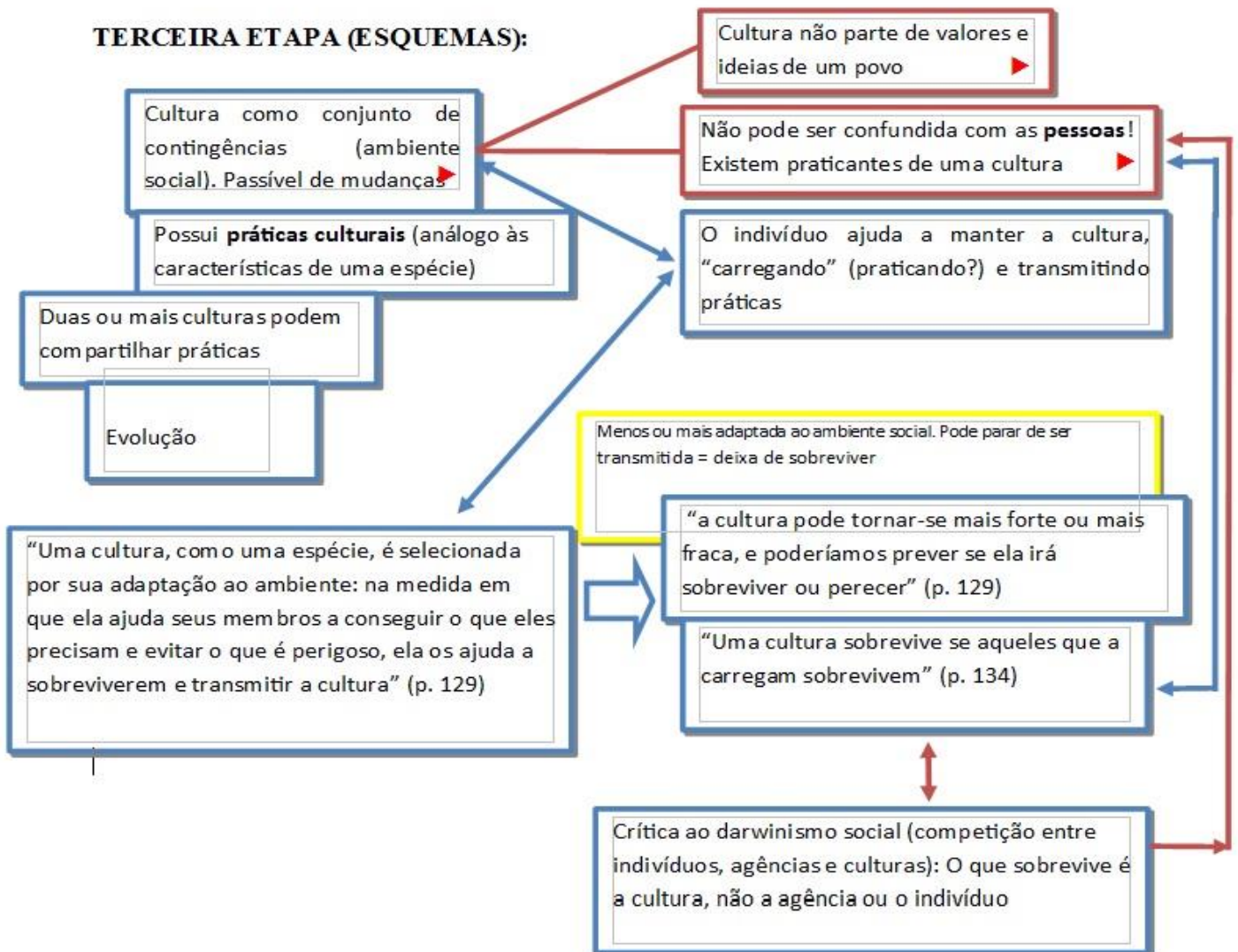
**TA5 Transmissão cultural ocorre mais facilmente que a transmissão biológica, apesar de possíveis barreiras:** Diferente da transmissão genética, a transmissão cultural pode ser realizada entre gerações, mais velhas e mais novas, e grupos diferentes. Os conjuntos de práticas podem ser observados e aprendidos por outro grupo.

Pode haver limitações para a transmissão de práticas culturais: isolamento geográfico, racial ou por uma agência controladora dominante. “Uma agência controladora ou sistema dominante pode manter um conjunto de práticas. Uma cultura democrática, por exemplo, é um ambiente social marcado por certas práticas governamentais, apoiadas por práticas éticas, religiosas, econômicas e educacionais compatíveis. Uma cultura cristã, muçulmana ou budista sugere um controle religioso dominante, e uma cultura capitalista ou socialista sugere práticas econômicas dominantes, cada uma possivelmente associada com outras práticas compatíveis.

Uma cultura definida por um governo, uma religião, ou um sistema econômico não requer isolamento geográfico ou racial.” (p.132)

**TT2 Darwinismo Social:** Defesa da sobrevivência da cultura mais forte por meio da competição entre governos, sistemas econômicos, raças, classes etc. Concepção de evolução por meio principalmente da competição com outros organismos ou culturas.

**C2:** O que evolui e sobrevive são práticas, não uma agência ou indivíduo. Nem na evolução biológica nem na cultural a competição é a principal condição para a evolução. Skinner cita exemplos de como a evolução biológica e cultural lidou com interações para garantir a sobrevivência em relação ao ambiente físico.



#### **QUARTA ETAPA (SÍNTESE):**

Skinner entende cultura como conjunto de contingências mantidas por pessoas, ou seja, contingências sociais. Uma cultura não deve ser entendida como um produto de ideias e valores de um povo, como geralmente é defendido pela antropologia. Ideias e valores são entendidos por Skinner como parte do comportamento humano. Ideias de um povo poderiam ser traduzidas por seus costumes (como caçar, cultivar alimentos, construir moradias, criar filhos, governar, etc) e os valores seriam tratados de acordo com a concepção naturalista de Skinner: alguém valoriza algo porque aquilo é reforçador. Nesse sentido, uma cultura é entendida como um ambiente que depende dos comportamentos dos indivíduos, mesmo não podendo haver uma identificação entre cultura e as pessoas que a praticam.

Em sua comparação entre evolução cultural e evolução biológica, Skinner afirma que cultura é formada por práticas, assim como uma espécie é formada por características dos organismos. Culturas diferentes podem apresentar práticas semelhantes, assim como ocorre na evolução dos organismos. Deste modo, cultura é um conjunto de práticas culturais que pode ser misturado e estar presente em outras culturas. A evolução (mudanças nas contingências sociais) de uma cultura sugere a sobrevivência dela, como ocorre com a sobrevivência das espécies. Skinner afirma que uma cultura é selecionada por sua adaptação ao ambiente, “na medida em que ela ajuda seus membros a conseguir o que eles precisam e evitar o que é perigoso, ela os ajuda a sobreviverem e transmitir a cultura” (p. 129). Há a possibilidade para o seguinte questionamento: o que está sendo selecionado? Uma cultura como um conjunto de práticas ou uma determinada prática cultural? De acordo com essa afirmação, Skinner aponta para a utilidade da prática para os membros de um grupo e sua sobrevivência biológica. Entretanto, isso parece ser uma inferência de uma possível consequência em longo prazo. Como poderíamos aferir se, em última análise, uma prática aumentou ou diminuiu as chances de sobrevivência dos seus membros? (Práticas como dançar, escutar música, falar de determinado modo, entre outras que o valor de sobrevivência não é nada óbvio).

A evolução e sobrevivência das culturas abriu espaço para alguns defenderem o Darwinismo Social. Segundo essa doutrina, as espécies mais fortes sobreviveram por meio da competição entre elas, sendo que o mesmo deve ocorrer com as culturas. Skinner critica essa concepção apontando que a evolução das espécies não ocorreu unicamente pela competição entre outros organismos. Muito das características obtidas ao longo da evolução tem função de adaptação ao ambiente físico e subsistência, o mesmo podendo ser dito para a evolução das culturas. Skinner também afirma que falar na sobrevivência de indivíduos ou agências mais

fortes seria irrelevante para a evolução e sobrevivência da cultura, pois esta pode ir muito além do tempo de vida das pessoas.

A relação entre o indivíduo e a cultura é analisada por Skinner. O indivíduo é afetado pelas contingências sociais e também ajuda a mantê-las na medida em que pratica e transmite algumas práticas. Somente nesse sentido, de um praticante, podemos falar em um membro de uma cultura. Cabe apontar que, se cultura é entendida como um conjunto de contingências sociais, as pessoas são partes importantes para a emissão de práticas culturais. Logo, elas são parte das contingências sociais que formam uma cultura. Apesar de defender que uma cultura não deve ser identificada com seus membros, Skinner afirma que “uma cultura sobrevive se aqueles que a carregam sobrevivem” (p. 134). Membros poderiam carregar contingências (cultura) ou práticas culturais? Neste caso, parece haver a possibilidade de substituirmos o termo cultura por prática cultural, uma vez que Skinner utiliza os dois termos de maneira indiscriminada. Pode-se interpretar que a sobrevivência de uma prática cultural necessariamente depende da sobrevivência de membros praticantes. Sem membros de um grupo, não há a possibilidade para práticas culturais serem exercidas. Nesse sentido, sobrevivência significa transmissão. Uma língua morre se ninguém mais a utiliza, assim como um esporte cai de moda se as pessoas param de apreciá-lo ou praticá-lo. Uma cultura (conjunto de práticas culturais) precisa de indivíduos para existir, mesmo que indivíduos, em seu tempo de vida, adotem diferentes culturas. A cultura pode sobreviver ao indivíduo e durar séculos, mas ela sempre irá depender de pessoas para ser posta em prática.